

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC  
CENTRO SOCIOECONÔMICO – CSE  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

LEONARDO CYPRIANO FERNANDES

A INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE TURISMO E RELAÇÕES  
INTERNACIONAIS: TURISMO E PAZ NO SISTEMA INTERNACIONAL

Florianópolis,  
2018

**LEONARDO CYPRIANO FERNANDES**

**A INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE TURISMO E RELAÇÕES  
INTERNACIONAIS: TURISMO E PAZ NO SISTEMA INTERNACIONAL**

Monografia submetida ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Bacharelado.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Solange Regina Marin.

**Florianópolis,**

2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 6,5 ao aluno Leonardo Cypriano Fernandes na disciplina CNM 7107 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:

-----  
Prof. *Solange Regina Marin*

-----  
Prof. *Jaime César Coelho*

-----  
Prof. *Graciela de Conti Pagliari*

Aos meus pais, Denise e Júlio, pelo amor, carinho e  
dedicação de todos esses anos.

À memória de meus queridos avós: Celina e João;  
Erna e Waldemar.

## **AGRADECIMENTOS**

A todos os professores que ajudaram na construção de um pensamento crítico e me moldaram nesse sentido.

A minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Solange Regina Marin que aceitou esse desafio.

Ao meu irmão Júlio Cesar Fernandes Jr. e ao meu primo Torquato Augusto Viglioni, pelo suporte e compreensão.

Aos meus amigos, que transformaram esses anos de faculdade em grandes memórias.

A Dannel Pinilla Cadavid por todo o apoio e incentivo, que foram fundamentais neste processo.

*Travel does not merely broaden the mind. It makes the mind.*

(Bruce Chatwin)

*If you further up the road can you show me what I still can't  
see?*

(John Mayer)

## RESUMO

No século XX a globalização impôs novas questões para além das disciplinas. Os estudos interdisciplinares surgiram como forma de solucionar os impasses científicos e as mudanças da sociedade. O turismo, fenômeno econômico e social teve um vertiginoso crescimento sinalizando sua importância e seus desafios no mundo contemporâneo. Na ótica da teoria liberal, as relações internacionais deixam de compreender a afirmação dos Estados como atores únicos no sistema internacional e passam a englobar os fenômenos de interdependência, as relações econômicas e culturais, pois na medida que o mundo muda, também mudam as questões colocadas no cenário internacional. Num contexto de interdependência, os esforços para a manutenção da paz serão ainda mais relevantes ao passo de que as guerras colocariam em risco o progresso da economia internacional e o desenvolvimento humano. A questão interdisciplinar sobre como o turismo pode contribuir para a paz é lançada e iniciam-se os processos de pesquisa no tema. O conceito da *Peace-sensitive tourism* é elaborado interdisciplinarmente com a finalidade de contribuir cientificamente a esse desafio. A pesquisa é qualitativa descritiva, adotando como procedimento a revisão bibliográfica e exploratória.

**Palavras chave:** Globalização; Interdisciplinaridade; Relações Internacionais; Turismo; Paz; *Peace-sensitive tourism*.

## RESUMEN

En el siglo XX la globalización impuso nuevas preguntas además de las disciplinas. Los estudios interdisciplinarios surgieron como una forma de resolver los retos científicos y los cambios de la sociedad. El turismo, fenómeno económico y social, tuvo un vertiginoso crecimiento marcando su importancia y desafíos en el mundo contemporáneo. En la óptica de la teoría liberal, las relaciones internacionales dejan de comprender la afirmación de los Estados como autores únicos en el sistema internacional y pasan a englobar los fenómenos de interdependencia y las relaciones económicas y culturales, puesto que en la medida que el mundo real cambia, también cambian las preguntas generadas por el escenario internacional. En un contexto de interdependencia, los esfuerzos para la mantención de la paz serán todavía más relevantes al paso que las guerras ponen en riesgo el progreso de la economía internacional y desarrollo humano. La cuestión interdisciplinaria sobre cómo el turismo puede contribuir a la paz fue lanzada y se iniciaron los estudios de investigación en el tema. El concepto de *Peace-sensitive tourism* es tratado interdisciplinariamente con el fin de contribuir científicamente a ese desafío. La investigación es cualitativa descriptiva, adoptando como procedimiento la revisión bibliográfica y exploratoria.

**Palabras clave:** Globalización; Interdisciplinarietà; Relaciones Internacionales; Turismo; Paz; *Peace-sensitive tourism*.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
1.1 TEMA E PROBLEMA.....	8
1.2 OBJETIVOS.....	10
<b>1.2.1 Objetivo Geral.....</b>	<b>10</b>
<b>1.2.2 Objetivos Específicos.....</b>	<b>11</b>
1.3 JUSTIFICATIVA.....	11
1.4 METODOLOGIA.....	12
<b>2 TEORIA LIBERAL: UMA BUSCA POR COOPERAÇÃO E PAZ NO SISTEMA INTERNACIONAL.....</b>	<b>13</b>
2.1 BREVE HISTÓRICO.....	13
2.2 FUNDAMENTOS DO LIBERALISMO.....	14
<b>2.2.1 Livre Comercio.....</b>	<b>19</b>
<b>2.2.2 Democracia.....</b>	<b>21</b>
<b>2.2.3 Instituições.....</b>	<b>23</b>
2.3 NEOLIBERALISMO E A INTERDEPENDÊNCIA COMPLEXA.....	26
<b>3 INTERDISCIPLINARIDADE E A INFLUÊNCIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS NO TURISMO.....</b>	<b>29</b>
3.1 ETIMOLOGIA.....	29
3.2 DISCIPLINAS X INTERDISCIPLINARIDADE.....	29
3.3 BREVE HISTÓRIA.....	32
3.4 MULTI, INTER E TRANSDISCIPLINARIDADE.....	34
3.5 DIFERENTES TIPOS DE INTERDISCIPLINARIDADE.....	36
3.6 PROCESSO DE PESQUISA INTERDISCIPLINAR.....	38
3.7 INFLUÊNCIAS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS NO TURISMO.....	40
<b>4 PEACE-SENSITIVE TOURISM: COMO O TURISMO PODE CONTRIBUIR PARA A PAZ NO SISTEMA INTERNACIONAL.....</b>	<b>48</b>
4.1 BREVE HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO DA RELAÇÃO TURISMO E PAZ NO SÉCULO XX e XXI.....	48
4.2 PEACE-SENSITIVE TOURISM.....	55
4.3 ENTENDENDO A RELAÇÃO TURISMO E PAZ.....	61

<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>68</b>
------------------------------------	-----------

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 TEMA E PROBLEMA

O turismo pode ter seu início datado no século VIII a.C., quando indivíduos viajavam a cada quatro anos para prestigiarem os jogos olímpicos (De la Torre, 1991 apud BARRETTO, 1995). Ou, pode ter iniciado nas viagens fenícias, cujo povo criou a moeda e o comércio (McIntosh, 1972 apud BARRETTO, 1995). De fato, os seres humanos viajam há muito tempo, como mostram estudos arqueológicos de mais de 13 mil anos. “Grupos humanos habitantes da Caverna de Madasin, nos Pirineus franceses viajavam até o mar e retornavam.” Leakey (1985 apud BARRETTO, 1995, p. 44). Entretanto, o desenvolvimento e consolidação do turismo ocorreu a partir da metade do século XIX. “O fato mais marcante, foi sem dúvida, o desenvolvimento do transporte ferroviário e da navegação a vapor inserido no processo provocado pela revolução industrial.” (REJOWSKI, 2002, p. 42).

Conforme aponta De la Torre (1992, p. 19), “o turismo é um fenômeno social, que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas [...]”. É visto em Barreto (1995) e Rejoswki (2002) que com o fim da Segunda Guerra Mundial, devido a internacionalização da economia, a regulamentação do direito aéreo, o avanço da tecnologia de informação, o turismo como fenômeno social tornou-se uma atividade internacional cujo crescimento foi exponencial até os dias atuais. Segundo dados da Organização Mundial do Turismo (2012), o número de chegadas internacionais cresceu de 50 milhões no ano de 1950, para mais de um bilhão em 2012 e, estima-se que esse número ultrapasse 1,8 bilhão de chegadas internacionais em 2030.

As relações internacionais, assim como o turismo, também têm sua origem num passado distante. Para Oliveira (2004, p. 29), “as tribos pré-históricas entabulavam relações com seus vizinhos, os impérios do princípio da história se comunicavam com os povos próximos de suas fronteiras e as cidades-repúblicas gregas entre si”. Todavia, segundo Lessa (2005), foi no período que se estende entre o final do século XIII até o século XVII, que surgiu na Europa uma nova forma de organização política: o Estado nacional. Trata-se, conforme Wendzel (1985), da

principal unidade de ação internacional, o principal ator das Relações Internacionais. Contudo, a teoria liberal afirma que “o indivíduo, agindo por meio de instituições, é o principal agente de mudança na política internacional.” (SALOMÓN; PINHEIRO, 2013, p. 45). Portanto, além dos Estados, os indivíduos que compõem as instituições desempenham papel de relevância e orquestram as mudanças na política do sistema internacional.

De acordo com Pecequillo (2010, p. 15), os objetos de estudo das Relações Internacionais serão os “atores, acontecimentos e fenômenos, que existem e interagem no sistema internacional, ou seja, além das fronteiras domésticas das sociedades”. Nesse sentido, o turismo, fenômeno social que transpassa as fronteiras, se insere como objeto do amplo leque de estudos das Relações Internacionais.

Entretanto, apesar de ambas áreas de conhecimento terem surgido, ainda que primitivamente num passado distante, é somente no século XX que será pensada a interdisciplinaridade entre Turismo e Relações Internacionais. A busca pelas soluções da guerra e manutenção da paz no sistema internacional a partir da cooperação, das democracias como formas de governo, do livre-comércio e das instituições internacionais, como sugere a Teoria Liberal, pode encontrar no turismo um agente com potencial para disseminar a paz.

A globalização que emergiu a partir da década de 1960, tem como características a internacionalização da economia, a facilidade das comunicações, dos transportes e do trânsito de pessoas ao redor do mundo. Foi sinalizado um novo momento, no qual especialistas começaram processos de pesquisas interdisciplinares em questões que envolvem Turismo e Relações Internacionais. O conceito da *Peace-sensitive tourism* engloba-se nesse processo. Segundo Wohlmuther e Wintersteiner (2013, p. 19-20, tradução nossa)

as interconexões entre turismo e os pilares de formação da paz como: justiça social, direitos humanos, equidade econômica, desenvolvimento sustentável e democracia de base ampla com a capacidade de solucionar os conflitos de forma não violenta; vem ganhando recentemente notabilidade na literatura de turismo e paz.

Visto que há poucos estudos, sobretudo no Brasil, sobre a interdisciplinaridade entre Turismo e Relações Internacionais a partir da questão de como o turismo pode contribuir para a paz mundial e, o crescente papel de ambas as áreas de conhecimento no cenário internacional contemporâneo, buscar-se-á uma contribuição a partir do problema de pesquisa: sob a ótica da teoria liberal das relações internacionais, como o turismo pode contribuir para a paz no sistema internacional?

Essa monografia, analisa primeiramente a teoria liberal das relações internacionais com a finalidade de compreender em como tornar o sistema internacional menos conflituoso e mais cooperativo almejando à paz mundial. A partir dos pilares principais da teoria, do entendimento do ser humano como um ser bom, e cooperativo, e dotado de racionalidade, será estruturado o suporte teórico para o entendimento do terceiro capítulo na análise dos estudos entre turismo e paz.

No segundo capítulo busco compreender o que é interdisciplinaridade com a finalidade de entender a pesquisa *Peace-sensitive tourism*, que será discutida no último capítulo. Ademais, esse capítulo também aborda o turismo como objeto de estudo das relações internacionais e as influências do turismo nas relações internacionais, com o objetivo de salientar a importância dessa interdisciplinaridade.

No terceiro capítulo, é observado o progresso na temática turismo e paz ao longo do século XX e começo do XXI, desde os fluxos internacionais de pessoas nos pós-guerras até a inserção em Declarações Internacionais que foram incorporadas pelas Organizações Internacionais. Além disso, como a evolução do tema levou a criação de centros de pesquisas na área interdisciplinar entre turismo e paz. Por último, uma análise da questão interdisciplinar de como o turismo pode contribuir para a paz no sistema internacional a partir do conceito da *Peace-sensitive tourism*.

Uma vez consolidado o entendimento sobre a teoria liberal e seus fundamentos, a compreensão sobre interdisciplinaridade e o conhecimento sobre *Peace-sensitive tourism* será respondido o problema de pesquisa.

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

A partir da teoria liberal das relações internacionais e do conhecimento sobre interdisciplinaridade, analisar como o turismo pode contribuir para a paz mundial.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Entender os fundamentos da teoria liberal.
- b) Compreender a interdisciplinaridade e a relação entre Turismo e Relações Internacionais.
- c) Assimilar o conceito da *Peace-sensitive Tourism* e de como turismo pode contribuir para a paz mundial.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

Essa monografia visa contribuir ao pouco estudo interdisciplinar entre Relações Internacionais e Turismo, a partir da questão de como o turismo pode contribuir para fomentar a paz mundial. A temática, ainda recente no mundo, não tem ganhado a devida atenção da Academia. O Brasil, que apesar do enorme potencial turístico ainda caminha em passos lentos frente as outras nações.

De acordo com o Secretário-Geral da Organização Mundial do Turismo, Taleb Rifai,

Nunca antes pessoas viajaram tão amplamente, nem encontraram uma variedade tão grande de culturas. Essas conexões produzem um diálogo dinamizado, derrubam barreiras culturais e promovem os valores de tolerância, compreensão mútua e respeito. Nesse mundo onde há uma luta constantemente por coexistência harmoniosa, esses valores expõem o turismo como parte integral para a construção de um futuro de paz. [...] No mundo atual, cada vez mais diverso e globalizado, a mensagem de paz a partir do turismo não podia surgir mais significativa. Quando todos estão unidos, cada um sendo Embaixador da paz e do turismo, nós continuaremos transmitindo nossa visão por um mundo melhor. (RIFAI, 2013).

Além do mais, foi declarado pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), pela resolução A/C.2/70/L.5/Rev.1 de 2015, que o ano de

2017 foi o Ano Internacional do Turismo Sustentável para o Desenvolvimento. A resolução A/C.2/70/L.5/Rev.1 (2015), reconhece que o turismo promove um melhor entendimento entre pessoas no mundo, trazendo uma maior apreciação das diferentes culturas, e, assim, contribuindo para o fortalecimento da paz mundial.

#### 1.4 METODOLOGIA

Essa pesquisa será regida pelo ramo do conhecimento denominado científico. “O conhecimento científico vai além do empírico, procurando compreender, além do ente, do objeto, do fato, e do fenômeno, sua estrutura, sua organização e funcionamento, sua composição, suas causas e leis.” (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 7). O conhecimento científico pode ser alcançado por diferentes tipos de pesquisa. O desenvolvimento dessa monografia foi constituído pelos processos de pesquisa bibliográfica e exploratória, com a finalidade de realizar os objetivos geral, específicos e responder o problema de pesquisa. Em relação a abordagem da pesquisa, será qualitativa, pois visa a análise de bibliografias como forma de detalhar e explorar estudos realizados.

De acordo com Cervo, Bervian, Silva (2007), a pesquisa bibliográfica consiste na explicação de um problema baseando-se em referências teóricas que foram publicadas em artigos, livros, periódicos, monografias, dissertações e teses. Segundo Cervo, Bervian, Silva (2007), a finalidade da pesquisa bibliográfica é conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema.

Em conformidade com Cervo, Bervian, Silva (2007), a pesquisa exploratória, não requer a elaboração de hipóteses a serem testadas na monografia. Ela restringe-se a definir seus objetivos e buscar mais informações sobre o determinado assunto de pesquisa. “A pesquisa exploratória tem por objetivo familiarizar-se com o fenômeno ou obter uma nova percepção dele e descobrir novas ideias.” (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 63). Todos os métodos e materiais utilizados na

pesquisa, com a finalidade de atingir os objetivos desta monografia, estarão devidamente referenciados.



## 2 TEORIA LIBERAL: UMA BUSCA POR COOPERAÇÃO E PAZ NO SISTEMA INTERNACIONAL

Neste capítulo serão abordados alguns dos fundamentos da teoria liberal (liberalismo) e neoliberal, com a finalidade de entender como tornar o sistema internacional menos conflitivo e mais cooperativo visando à paz mundial. Os fundamentos da teoria liberal ajudarão na compreensão de que os indivíduos, além dos Estados, possuem um importante papel a desempenhar na disseminação de ideias, e que podem cooperar quando têm finalidades comuns, como na busca pela paz mundial.

### 2.1 BREVE HISTÓRICO

Após a formação e consolidação dos Estados nacionais nos séculos XVI e XVII, novas realidades internas surgiram nos campos econômico, político e social. De acordo com Pecequilo (2010), essas mudanças ocasionaram as chamadas Revoluções Liberais: Revolução Gloriosa (1688-89), Revolução Americana (1776) e a Revolução Francesa (1789). Essas revoluções estão associadas a uma ruptura social, que deu origem a uma nova classe social: a burguesia.

Ao se consolidar como a classe mais importante dos Estados, esta burguesia, diante do declínio do absolutismo e da nobreza, trará consigo um novo pensamento e proposta que dará origem ao liberalismo clássico. (PECEQUILO, 2010, p. 137).

O liberalismo, portanto, é uma tradição do pensamento ocidental, herdeira do Iluminismo<sup>1</sup>. Ele se difundiu, dando origem a diversas teorias em diferentes áreas do

---

<sup>1</sup> O Iluminismo, ou Esclarecimento, foi um movimento intelectual consciente de si, cujo seu “núcleo duro” se articulou em torno de temas como a liberdade, a igualdade e o progresso. Foi apoiado pela burguesia e ocorreu na Europa do século XVIII. Teve um forte impacto no contexto cultural, político, social e religioso em diversos países, os quais presenciaram diferentes vertentes desse movimento, como exemplo: o francês, o inglês e o escocês. Em cada uma dessas vertentes existiram diferentes particularidades, assim, não existiu um modelo único que fosse adequado a se pensar suas distintas ramificações. Na Inglaterra o ateísmo e o materialismo não foram características tão importantes do movimento como foram na França, por exemplo, pois a Inglaterra já havia esmagado a autoridade da Igreja Católica no século XVII. O escocês, por outro lado, surgiu dos intelectuais do interior da Escócia que buscavam combater a crise estrutural da agricultura e do atraso do comércio e o seu

conhecimento como na Economia, na Política, na Filosofia e mais tardiamente, no século XX, também foi pensado nas Relações Internacionais. De acordo com Doyle (1983), Nogueira e Messari (2005), Pecequilo (2010), na Economia destacam-se autores como Adam Smith, David Ricardo e Joseph Schumpeter, na Política: John Locke e Charles Montesquieu e na Filosofia: Immanuel Kant. Nas Relações Internacionais são referências: Woodrow Wilson, Norman Angell, Michael Doyle, Robert Keohane e Joseph Nye. Devido a esta vasta gama de teorias e autores, segundo Nogueira e Messari:

Não podemos falar em uma tradição liberal coerente e unificada. Há, na vastíssima gama de autores que a compõem, uma diversidade que resiste a qualquer tentativa de síntese. Mesmo assim, podemos indicar alguns valores e conceitos centrais que definem uma perspectiva comum para a grande maioria dos pensadores liberais, bem como para os autores que refletiram sobre as relações internacionais. (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p. 58).

Apesar de existir um amplo leque dessa vertente, a teoria liberal tem alguns fundamentos que são seus principais alicerces. A preocupação central parte da liberdade do indivíduo, sendo um pensamento essencialmente moderno, fruto do Iluminismo. O ser humano busca pelo uso da razão, definir seu futuro de modo autônomo (NOGUEIRA; MESSARI, 2005).

A teoria liberal, em termos gerais, afirma que os indivíduos dotados de razão buscam o progresso da sociedade. Para alcançar tal objetivo, o Estado regerá as relações humanas e deverá fornecer as condições necessárias através do pacto social. Desse modo, permitirá aos indivíduos, os quais são dotados da mesma capacidade de descobrir e compreender, de decidirem como alcançar sua própria felicidade (NOGUEIRA; MESSARI, 2005).

## 2.2 FUNDAMENTOS DO LIBERALISMO

---

primeiro passo foi a transformação das universidades a partir da Revolução Gloriosa. Transformações que acarretaram na criação de novos cursos como Medicina, Direito, Ciências Naturais, além da reformulação dos currículos, das práticas pedagógicas e da própria natureza das instituições (CERQUEIRA, 2006).

Para Michael Doyle (1983), o liberalismo é fundamentado num conjunto triplo de direitos. O liberalismo exige liberdade da autoridade arbitrária, também chamada de “liberdade negativa”, que inclui a liberdade de consciência, uma imprensa livre e com liberdade de discurso, a igualdade sob a lei e o direito de intercambiar propriedade sem medo de apreensão arbitrária.

Segundo Doyle (1983), outra característica do liberalismo são os direitos de promover e proteger a capacidade e oportunidade para a liberdade, o que ele chama de “liberdade positiva”. Aqui se enquadram os direitos econômicos e sociais, a igualdade de oportunidades na educação, o direito a saúde e emprego, que são necessários para a auto expressão e participação dentre os direitos liberais.

O último direito liberal citado por Doyle (1983), se refere a participação ou representação democrática, que é vista como necessária para que os outros dois direitos (“liberdade negativa” e “liberdade positiva”) também possam ser garantidos.

Anteriormente a Doyle (1983), o filósofo Isaiah Berlin em *Dois conceitos de Liberdade* (1958), já desenvolveu um argumento que tratava de maneira dicotômica os dois tipos de liberdade: “liberdade negativa” e “liberdade positiva”. A primeira seria “ser livre num nível no qual nenhum homem, ou corpos de homens interfiram na minha atividade”. (BERLIN, 1969, p. 15, tradução nossa). Por outro lado, a “liberdade positiva” seria a ideia de que o homem seria seu próprio mestre. “Eu quero que minha vida e minhas decisões dependam de mim, não em forças externas de qualquer espécie.” (BERLIN, 1969, p. 22, tradução nossa). Nesse sentido o homem teria o “autodomínio” da sua liberdade podendo praticá-la em suas ações. Segundo Berlin:

Filósofos com uma visão otimista da natureza humana e que creem na possibilidade de harmonizar os interesses humanos como Locke ou Adam Smith e de certa maneira Mill, acreditavam que harmonia social e progresso eram compatíveis com reservar uma grande área para a vida privada, na qual nem o estado, nem nenhuma outra autoridade tivesse a permissão a transpassar. (BERLIN, 1969, p. 19, tradução nossa).

Quanto as origens do Estado, para os liberais, como Michael Doyle e Robert Keohane, compartilham do pensamento de que o sistema internacional é regido pela anarquia, ou seja, a ausência de leis (PECEQUILO, 2010). O homem, portanto,

atuaria politicamente na transição do estado de natureza<sup>2</sup> para um Estado Civil, criando uma estrutura artificial que pudesse organizar os intercâmbios humanos e administrar com maior confiabilidade as relações humanas dentro e fora das fronteiras (PECEQUILO, 2010). De acordo com Pecequilo (2010), Locke destaca que o homem nasce essencialmente bom, entretanto, tem elementos negativos que podem ser ajustados por meio das leis, sem prejudicar o seu exercício fundamental: a liberdade.

Ao terem liberdade e executarem seu trabalho, os homens gerarão riqueza e garantirão, por seu esforço e pelas leis, seu direito à propriedade. [...] Mais ainda, ao trabalharem pelo seu bem individual, os homens naturalmente gerarão um ambiente coletivamente próspero e pacífico no qual compartilharão os lucros e benefícios de suas ações, os valores e princípios universais de liberdade e individualidade criando uma rede de solidariedade. Nesta rede, a guerra será um empecilho à realização das capacidades econômicas e políticas individuais, optando-se por interações pacíficas e estáveis que permitam a obtenção do lucro e a preservação das identidades e direitos das sociedades. (PECEQUILO, 2010, p. 139).

Neste cenário os homens dotados de razão seriam capazes de optar por seus caminhos, e a cooperação seria sua forma de convivência e interação na sociedade.

A partir da visão interna do funcionamento da sociedade, organizada pelas instituições civis, projeta-se internacionalmente as relações interestatais. A democracia como forma de governo, teria suas práticas e valores difundidos no sistema internacional, criando-se assim uma “rede” entre os Estados democráticos, esta conduzirá naturalmente à paz entre as nações e a cooperação no sistema internacional (DOYLE, 1983).

No liberalismo, portanto, busca-se reproduzir os valores internos de democracia para o âmbito externo com a finalidade de alcançar a paz no sistema internacional. Com a paz mundial se potencializariam as capacidades humanas para o desenvolvimento dos indivíduos. De acordo com Nogueira e Messari:

Os liberais chegaram à conclusão de que o estado de conflito potencial que caracteriza o sistema internacional é uma ameaça permanente à liberdade no interior dos Estados. Daí a importância e a necessidade de fazer a

---

<sup>2</sup> Segundo Nogueira e Messari (2005, p. 26), o estado de natureza de Thomas Hobbes seria “a existência simultânea de vários atores exclusivamente responsáveis por sua própria sobrevivência”.

promoção da paz mundial uma tarefa primordial da política externa de nações comprometidas com o bem-estar dos seus cidadãos. (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p. 61).

Em vista que os liberais almejam um sistema internacional pacífico e cooperativo, a pergunta feita por Nogueira e Messari (2005) é “como o sistema internacional pode ser mudado de forma a se tornar menos conflituoso e mais cooperativo?”. (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p. 62). E, por que os indivíduos buscam cooperação?<sup>3</sup>

O significado etimológico da palavra cooperar segundo Ayllón (2007 apud MACIEL, 2009, p. 215) é “atuar conjuntamente com outros para conseguir um mesmo fim”. Cooperando os indivíduos atuam conjuntamente, desenvolvendo ações coordenadas, que ao final obteriam uma solução para algo que não poderia ser solucionado individualmente (MACIEL, 2009).

A preocupação em cooperar foi aumentando ao passo que o mundo se transformava, tornando-se mais industrializado. Novos problemas surgiram e necessitariam a cooperação internacional com a finalidade de solucioná-los. Um exemplo sobre a cooperação internacional, segundo Folker (2006):

o ritmo e alcance da industrialização, agora, ameaça esgotar a camada de ozônio. Esse é um problema que todos os Estados-nações são responsáveis por produzi-lo e criar um efeito negativo e recíproco em cada um deles. (FOLKER, 2006, p. 57, tradução nossa).

Tal cooperação, também pode ser vista na academia, nas pesquisas interdisciplinares, que buscarão respostas a problemas que não poderiam ser solucionados isoladamente pelas disciplinas<sup>4</sup>.

Uma questão que concerne ao liberalismo, se refere ao porquê de os Estados buscarem a cooperação no sistema internacional. Nogueira e Messari (2005), compartilham três fundamentos da teoria liberal sobre como o sistema internacional

---

<sup>3</sup> Esses questionamentos abordados pelos teóricos liberais elucidarão como o turismo pode contribuir para a cooperação e paz no sistema internacional.

<sup>4</sup> O mundo torna-se um ambiente mais complexo, com problemas mais complexos, que requerem em alguns casos compartilhar conhecimentos entre disciplinas, produzindo um trabalho interdisciplinar. Resulta-se em uma conclusão, ou solução que seria pouco, ou não seria provável que se chegasse sem esse compartilhamento para além das disciplinas isoladas.

pode se tornar menos conflitivo e mais cooperativo. Esses três fundamentos são: o livre-comércio, a democracia e as instituições internacionais.

### 2.2.1 Livre Comércio

No princípio da tradição liberal, o livre-comércio era visto pelos seus pensadores, como uma maneira de aproximar os Estados economicamente. De modo simplificado, as crescentes trocas comerciais entre as Nações levariam a uma dependência mútua (interdependência econômica). Os atores (Estados que administrariam as relações humanas) seriam dotados de racionalidade e concluiriam que a guerra somente traria prejuízos ao seu desenvolvimento e progresso econômico. Portanto, no liberalismo, a ideia do livre-comércio, que desenvolveria relações comerciais mais fortes entre os Estados e a compreensão desses benefícios pela opinião pública faria com que a sociedade apoiasse políticas externas pacíficas, ou seja, vinculando o livre-comércio à promoção da paz mundial (NOGUEIRA; MESSARI, 2005).

O filósofo francês Montesquieu (1979 apud NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p. 62), concluía que “a paz é efeito natural do comércio”, visto que o comércio gerava uma dependência econômica recíproca entre os Estados, e de interesses. Kant, também concluía que o fortalecimento das trocas comerciais entre as nações, seria um fator que ajudaria no desenvolvimento do princípio da hospitalidade, visto aqui como o acolhimento civilizado do estrangeiro (NOGUEIRA; MESSARI, 2005). Tal princípio é um alicerce para a criação da paz perpétua.

O comércio, portanto, fortalecia percepções e políticas que encaravam a guerra de maneira desfavorável. [...] o comércio criava laços entre as nações que reduziram sua propensão a adotar políticas agressivas contra seus parceiros. Nesse sentido, como queria Kant, o intercâmbio comercial cumpriria uma função civilizadora nas relações internacionais, *estimulando o contato e a tolerância entre culturas diferentes*, estabelecendo canais de comunicação, *umentando as áreas de interesse comum e promovendo a cooperação* para garantir a contínua expansão dos mercados mundiais. (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p. 63, grifo nosso).

Segundo Oliveira e Geraldello (2016), Keynes em 1919 propôs algumas soluções<sup>5</sup> econômicas para minimizar as consequências negativas do Tratado de Versalhes e, que ao final sugeria a criação de uma zona de livre-comércio europeia para que houvesse a unificação econômica da Europa. A partir dessa integração se fortaleceria a economia europeia e proporcionaria cooperação e paz na região.

Os Estados “racionalis”, ou seja, a capacidade deles decidirem racionalmente sobre o que é melhor para a sociedade em seu conjunto, compreenderia que o comércio entre os Estados geraria uma interdependência econômica mútua. Nesse ponto, “o comércio contribuía para desenvolver um sentimento moral de comunhão de interesses e valores de toda humanidade.” (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p. 63). Esses valores são baseados na garantia do direito às liberdades individuais e no respeito público. Segundo Doyle:

Quando os Estados respeitam os direitos dos outros, indivíduos são livres para estabelecer laços privados internacionais sem a interferência do Estado. Comércio lucrativo entre comerciantes, intercâmbio educacional entre acadêmicos, criam uma rede de vantagens mútuas e compromissos que reforçam o sentimento de respeito público. Essas convenções de respeito mútuo, formaram uma fundação cooperativa nas relações entre as democracias liberais da mais notável e efetiva forma. (DOYLE, 1983, p. 213, tradução nossa).

Além do livre-comércio que gera esse fortalecimento dos laços econômicos entre as nações proporcionando um ambiente pacífico, os liberais também propõem que a forma de governo estabelecida dentro de um território influenciará no seu comportamento frente a outras nações. Assim, um Estado que respeite as liberdades individuais e que a opinião pública seja presente será um Estado mais pacífico.

---

<sup>5</sup> De acordo com Oliveira e Geraldello (2016), Keynes aponta 4 soluções para minimizar os efeitos negativos do Tratado de Versalhes, que não promoviam um pacto solidário economicamente entre os próprios aliados: 1) A revisão do Tratado por meio de Assembleia da Liga das Nações; 2) A liquidação das dívidas entre os aliados em nome do progresso mundial; 3) Empréstimo internacional custeado pelos Estados Unidos e a reforma monetária global; 4) Fortalecimento das relações da Europa central com a Rússia, visando incrementar as relações comerciais e financeiras entre Alemanha e Rússia, beneficiando todo o mercado europeu e mundial.

### 2.2.2 Democracia

Outra ideia reconhecida pelos teóricos liberais, visto em Kant (2006), Doyle (1983), Nogueira e Messari (2005), em busca de proporcionar uma maior cooperação e menor conflito no sistema internacional com o objetivo de alcançar a paz mundial, é a forma de governo estabelecida entre os Estados. Essa forma de governo, segundo os liberais, deve ser a democracia. Segundo Lima (2000) a teoria liberal assume essa relação entre democracia e paz, desenvolvida na literatura sobre a “paz democrática”, que parte do argumento clássico kantiano da hipótese que as democracias são naturalmente pacíficas umas com as outras e as autocracias belicosas.

Uma vez que os Estados adotassem a democracia como forma de governo, se formaria uma zona estável de paz no sistema internacional. Num primeiro momento essa zona de paz abrangeria os Estados democráticos e depois se expandiria para o resto do sistema internacional. De acordo com Folker:

A pesquisa sobre a democracia e paz é focada em como um número crescente de Estados democráticos no mundo poderia promover uma maior paz internacional e cooperação, porque as democracias aparentemente são pacíficas nas suas relações externas umas com as outras. (FOLKER, 2006, p. 56, tradução nossa).

O desenvolvimento da ideia da relação entre a forma de governo e o estabelecimento da paz entre Estados liberais vem do livro a “Paz Perpétua” de Kant, escrito no ano de 1795. Nesse livro, Kant propõe três artigos definitivos para a paz perpétua.

No Primeiro Artigo Definitivo para a paz perpétua, Kant (2006) afirma que a constituição de um Estado deve ser republicana. De acordo com Kant:

A constituição republicana é aquela estabelecida em conformidade com os princípios: 1) da liberdade dos membros de uma sociedade (enquanto



homens); 2) da dependência de todos a uma única legislação comum (enquanto súditos); 3) de conformidade com a lei da igualdade de todos os súditos (enquanto cidadãos): é a única que deriva a ideia do contrato originário e sobre a qual devem fundar-se todas as normas jurídicas de um povo. (KANT, 2006, p. 67).

Além do mais, a constituição republicana deve preservar a liberdade jurídica. Segundo Doyle (1983) essa liberdade jurídica é preservada, porque a autonomia moral do legislador é aplicada para todos os cidadãos igualmente. “As repúblicas seriam mais pacíficas graças à natureza de suas instituições e à observância do estado de direito” (MESSARI; NOGUEIRA, 2005, p. 65). Nos Estados republicanos o poder deve estar baseado na representação dos interesses coletivos, isso dificultaria a ida de um Estado à guerra, visto que uma decisão que colocasse vidas e patrimônios em risco seria sujeita a uma discussão ampla da sociedade (NOGUEIRA; MESSARI, 2005).

O Segundo Artigo Definitivo para a paz perpétua se refere a ideia de que as repúblicas liberais vão progressivamente estabelecendo a paz entre elas pelo que Kant (2006) chama de federação da paz, ou federação pacífica.

Esta federação não requer nenhum poder do Estado, pois apenas quer manter e garantir a liberdade de um Estado para si mesmo e, simultaneamente, a de outros Estados federados, sem que estes devam, por este motivo (como os homens em estado natural) submeter-se a leis públicas e à sua coação. [...] Esta ideia da federação, deve-se estender paulatinamente a todos os Estados, conduzindo assim, à paz perpétua. (KANT, 2006, p. 76).

Para Kant (2006), a federação seria uma estrutura supranacional baseada no Direito, que asseguraria os indivíduos de resolverem seus conflitos pacificamente. Doyle (1983) ressalta que a paz perpétua de Kant não seria alcançada antes de muitas tentativas fracassadas de garantir a federação pacífica. “As concepções certas, apropriadas da constituição, boa e má experiência e, boa vontade terão ensinado todas as nações as lições da paz.” (DOYLE, 1983, p. 226, tradução nossa).

No Terceiro Artigo Definitivo para a paz perpétua se estabelece o Direito Cosmopolita<sup>6</sup>, que atuará em conjunto com a federação da paz. De acordo com Kant:

Trata-se neste artigo, como nos anteriores, de Direito e não filantropia, e hospitalidade significa aqui o direito que tem um estrangeiro de não ser tratado hostilmente pelo fato de estar num território alheio. [...] um direito de visita, direito a apresentar-se à sociedade, que têm todos os homens em virtude do direito da propriedade em comum da superfície da terra, sobre a qual o ser humano não pode estender-se até o infinito, por ser uma superfície esférica, tendo que suportar-se uns juntos aos outros e não tendo ninguém originariamente mais direito que o outro a estar em um determinado lugar da Terra. (KANT, 2006, p. 79).

Esse artigo reforça a ideia de que os seres humanos possam intercambiar ideias, bens comuns com outros povos, e que dessa interação harmoniosa, hospitaleira, se firmem laços para um desenvolvimento comum e benéfico a ambos os povos, conforme aponta a teoria do contato<sup>7</sup>. Para Doyle, “a hospitalidade aparenta incluir o direito de acesso e, uma obrigação de manter a oportunidade para todos os cidadãos de intercambiar bens e ideias, sem impor a obrigação de troca” (DOYLE, 1983, p. 227, tradução nossa)

### 2.2.3 Instituições

As instituições seriam outro fundamento que desenvolveria a possibilidade de cooperação no sistema internacional. As instituições (organizações internacionais ou instâncias supranacionais), estabeleceriam ordens mundiais mais estáveis e pacíficas, criariam regras de convivência entre os Estados baseadas no Direito das Nações. Este Direito “estabelecia as bases jurídicas e morais do relacionamento

---

<sup>6</sup> O direito cosmopolita abrangeria o direito de todos os cidadãos do mundo e substituiria o direito das gentes e, sua base institucional seria a federação (NOUR, 2003).

<sup>7</sup> A teoria do contato afirma que o encontro entre pessoas em condições favoráveis resulta em cooperação e entendimento. Nesse ambiente de trocas culturais, sociais, econômicas, relações pacíficas emergiriam (WEBSTER; IVANOV, 2013).

entre os Estados soberanos e os indivíduos, vistos como integrantes de uma humanidade universal.” (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p. 67).

Um dos motivos pelos quais as instituições internacionais desempenham a função de cooperação no sistema internacional é porque “as instituições internacionais criam “espirais de cooperação”, esses levam os Estados a atuarem conjuntamente para seu próprio benefício.” (PECEQUILO, 2010, p. 141).

As instituições internacionais multiplicaram-se e ganharam notoriedade no século XX<sup>8</sup>. O sistema internacional presenciou duas guerras mundiais (1914-1918, 1939-1945) e a Guerra Fria (1945-1991), as quais, além de abalarem o cenário político-econômico mundial, fizeram-se repensar as relações internacionais dado o fracasso das tentativas de previsibilidade das guerras. Nesse cenário buscavam-se novas respostas às mudanças que ocorriam no mundo contemporâneo.

Após a Primeira Guerra Mundial, que devastou o mundo com mais de 20 milhões de mortes, foi criada a Liga das Nações em 1919. Uma organização internacional (OI) de caráter permanente, que tinha como objetivo garantir a segurança dos Estados, além de promover a cooperação econômica, social e humanitária. “Trata-se da primeira organização a se propor a manter a paz por meio de mecanismos jurídicos institucionalizados em sua Convenção.” (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p. 73). Apesar de a Liga das Nações ter fracassado, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, ela foi pioneira no seu tempo e, o seu fracasso<sup>9</sup> serviu de exemplo para a criação de novas e mais bem fundamentadas organizações internacionais. Segundo Nogueira e Messari:

A prova da relevância histórica da Liga está na determinação das potências vencedoras da Segunda Guerra Mundial em recriar a organização em novos moldes, com o claro propósito de dar continuidade à institucionalização da política mundial iniciada em 1919. (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p. 73-74).

---

<sup>8</sup> Antes da Primeira Guerra Mundial existiam cerca de 50 dessas organizações. Até a Segunda Guerra Mundial passaram a constituir-se em torno de 80 e hoje são aproximadamente 350. Diez de Velasco (2010 apud SILVA, 2013, p. 16).

<sup>9</sup> Não cabe a essa monografia analisar as causas do fracasso da Liga das Nações. Para contextualização histórica ver Vizentini (1999), Pecequilo (2003).

Um pouco antes do encerramento da Segunda Guerra Mundial em 1944, “os EUA e seus aliados já iniciam o processo de construção de organismos e instituições multilaterais que tinham como objetivo regular e controlar o relacionamento interestatal.” (PECEQUILO, 2010, p. 146). Nesse contexto, as organizações internacionais multiplicaram-se. Foram criadas a Organização das Nações Unidas (ONU) em 1945, com atuação global em diversas áreas como: economia, segurança, sociedade, cultura e cujo objetivo principal é manter a paz e o bem-estar do sistema internacional. Além da ONU, foi criado o Fundo Monetário Internacional (FMI) em 1944, com a finalidade de promover a cooperação monetária internacional e facilitar o comércio internacional. Segundo Karine Silva:

As Organizações Internacionais consolidaram-se no século passado como importantes atores das Relações Internacionais. Demonstraram sua relevância ao atestar suas capacidades de atuação como elementos garantidores de estabilização e de previsibilidade em um sistema internacional descentralizado e horizontal. (SILVA, 2013, p. 13).

Essas novas Organizações Internacionais possuem estruturas mais complexas em suas funções, órgãos e competências, do que era observado anteriormente na Liga das Nações (SILVA, 2013). Para Keohane e Nye (1984 apud PECEQUILO, 2010, p. 149):

O processo de criação e desenvolvimento das instituições e regimes internacionais<sup>10</sup> que se inicia no pós-guerra em 1945 por meio da iniciativa americana permitirá o aprofundamento de estruturas cooperativas entre os Estados, tornando mais custosas e menos viáveis as possibilidades de resolução de seus problemas via conflito direto [...] à medida que o funcionamento destes mecanismos torna-se real e concreto, observa-se a sua crescente importância na formulação de políticas dos Estados, que passam a considera-los como determinantes de seu comportamento e facilitadores de seu intercâmbio com seus parceiros.

---

<sup>10</sup> “Regimes são conjuntos de princípios, normas, regras e procedimentos de tomada de decisão implícitos e explícitos em torno dos quais as expectativas dos atores convergem em uma determinada área das Relações Internacionais e fornecem as estruturas nas quais as relações entre os Estados podem se organizar de maneira mais completa e equilibrada.” Krasner (1983 apud PECEQUILO, 2010, p. 150).

O aprofundamento das estruturas cooperativas e a complexidade dos processos transnacionais trouxe à tona novamente a interdependência, que voltou com força na década de 1970. Gerou novos debates no campo liberal que ficou caracterizado como o neoliberalismo e seu fundamento principal: a interdependência complexa.

### 2.3 NEOLIBERALISMO E A INTERDEPENDÊNCIA COMPLEXA

No cenário de relações interestatais mais profundas, em virtude da complexidade das relações entre os novos atores no sistema internacional, surge em meados da década de 1960, o Neoliberalismo, ou Liberal Institucionalismo. A partir dos pressupostos gerais da teoria liberal, o neoliberalismo incorporou em sua análise teórica, os novos desafios e realidades da transformação da política mundial. Robert Keohane e Joseph Nye, trazem essa nova abordagem neoliberal no livro *Power and Interdependence: World Politics in Transition* (1977) que abordará o conceito da interdependência complexa.

A interdependência complexa traz três características principais, segundo Keohane e Nye (2001): 1) os atores estão conectados por múltiplos canais de comunicação e negociação; 2) a agenda é múltipla e não há uma hierarquização das questões a serem tratadas; 3) a utilidade decrescente do uso da força por meios militares.

De acordo com Keohane e Nye (2001), há a existência de múltiplos canais que conectam as sociedades: os contatos informais ocorrem entre membros da elite governamental com agências de escritório; entre elites não-governamentais (face à face e por telecomunicações) e organizações transnacionais como bancos e corporações. Além disso, existe uma maior diversidade de atores participando dessas comunicações e negociações como burocratas de diferentes áreas do governo, fundações e organizações não-governamentais. Desse modo, as organizações internacionais proporcionam um ambiente receptivo a negociações, agem assim como um catalisador para a cooperação internacional.

Conforme apontam Keohane e Nye (2001), a segunda característica da interdependência complexa é a agenda múltipla. A agenda das relações interestatais tem uma diversidade de questões que perpassam temas mais tradicionais como segurança, problemas econômicos, financeiros e comerciais, até temas emergentes como cultura, meio ambiente, terrorismo, turismo dentre outros. Outro ponto relevante, é de que não existe uma hierarquia das questões a serem tratadas. Tradicionalmente essas questões eram divididas entre “alta política” que seriam questões relacionadas à segurança, alianças, alimentos, dentre outros e as questões de “baixa política”, que basicamente seriam questões econômicas. A “alta política”, portanto, tinha precedência e condicionava a “baixa política”, o que não é visto na interdependência complexa. Muitas questões domésticas e estrangeiras se tornam “embaçadas” devido as interconexões entre os mais variados atores.

Visto em Keohane e Nye (2001), a terceira e última característica da interdependência complexa é o não uso da força militar pelos governos em direção a outros governos quando a interdependência complexa é sinalizada, pois existem efeitos recíprocos entre os atores, que seriam prejudicados de diversas formas. Segundo Nogueira e Messari:

O poder militar não é fungível, ou seja, não é como o dinheiro, cujo uso é indiscriminado em qualquer transação econômica. O poder militar não pode ser empregado para definir o resultado de negociações sobre, por exemplo, o fornecimento de recursos naturais, ou a redução de tarifas aduaneiras. Nesse sentido, a definição de poder torna-se muito mais específica de acordo com a questão em jogo. (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p. 86).

A interdependência complexa e assimétrica e o neoliberalismo institucional trouxeram uma nova percepção para a explanação da cooperação no âmbito das organizações internacionais, que estavam desacreditadas em virtude das duas guerras mundiais presenciadas no começo e metade do século passado. Conforme destacado por Nogueira e Messari (2005), teóricos neoliberais como Keohane e Nye, viam as organizações internacionais com outra função:

Ao contrário de conceber organizações como estruturas de autoridade internacional, voltadas para a conformação do comportamento dos Estados a padrões jurídicos, morais, políticos ou funcionais, os teóricos da interdependência propunham encarar as organizações como resultado das escolhas feitas pelos Estados. A função das organizações não seria a de suprir a redução da presença do Estado no exercício cada vez maior de tarefas [...], mas antes resolver problemas que os formuladores de políticas reconhecem depender da cooperação de outros Estados. (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p. 87).

Os novos problemas, que seriam de natureza mais complexa e envolveriam uma grande diversidade de atores (Estados, Organizações Internacionais, ONG's, dentre outros) em questões transnacionais, teriam nas organizações internacionais um catalisador das iniciativas para solucioná-los, pois as OI's tendem a criar as condições favoráveis à cooperação, além de reduzirem os custos da interdependência.

Neste capítulo foram abordados os fundamentos da teoria liberal, a qual será a chave mestra na análise posterior de como o turismo pode contribuir com a paz no sistema internacional. Esses fundamentos que compõem um núcleo duro dos liberais: o livre-comércio, a democracia, as instituições e para os neoliberais a interdependência complexa auxiliarão na busca pelo entendimento e na resposta ao problema de pesquisa.

O turismo como um fenômeno transnacional que cresce exponencialmente, caracteriza-se nessa natureza mais complexa que envolve uma grande diversidade de atores, com a qual trabalha a teoria liberal e neoliberal. Além do mais o turismo é um fenômeno que busca um sistema internacional estável de forma que possa se expandir para todas as áreas do mundo, e na teoria liberal são apresentados fundamentos que possibilitam uma maior cooperação internacional, que visa um ambiente mais pacífico.

Como o problema de pesquisa envolve distintas áreas do conhecimento como Turismo e Relações Internacionais, no capítulo seguinte será discutido a interdisciplinaridade que caracteriza a pesquisa, assim como os efeitos que uma disciplina provoca na outra.

### 3 INTERDISCIPLINARIDADE E A INFLUÊNCIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS NO TURISMO

Neste capítulo é abordado o que é a interdisciplinaridade, sua etimologia, características e variantes. É apresentado também, como funciona o processo de pesquisa interdisciplinar, e por fim, adentrando na relação entre relações internacionais e turismo, é mostrado como o turismo e as relações internacionais se conectam.

#### 3.1 ETIMOLOGIA

O significado da palavra, o termo interdisciplinaridade<sup>11</sup>, segundo Monica Aiub (2006), tem sua origem, sua etimologia composta por três termos distintos, que são “**Inter**, que significa ação recíproca; [...] **disciplinar** no que diz respeito à disciplina, do latim *discere* – aprender, *discipulus* – aquele que aprende, [...] o termo **dade** corresponde a qualidade, estado ou resultado da ação.” (AIUB, 2006, p. 1-2).

Para Repko (2008 apud STEMBER, 1991, p. 4, tradução nossa), a palavra *interdisciplinary* do inglês é desmembrada em duas partes, o prefixo *inter* significa entre, no meio. E *disciplinary* significa “relativo a um campo particular de estudo” ou especialização. Portanto, um ponto de partida para o significado da palavra *interdisciplinary*, em português interdisciplinar, seria “entre campos de estudo”. Ainda segundo Allen F. Repko (2008), “interdisciplinaridade é a essência dos estudos interdisciplinares, os quais se manifestam na pesquisa envolvendo dois ou mais domínios do conhecimento.” (REPKO, 2008, p. 6, tradução nossa).

#### 3.2 DISCIPLINAS X INTERDISCIPLINARIDADE

---

<sup>11</sup> “No Brasil a palavra aparece assim traduzida: interdisciplinaridade (do francês ou do inglês), ou interdisciplinarietà (do espanhol).” (FAZENDA, 1995, p. 18). Nessa monografia usaremos por conveniência o termo “interdisciplinaridade”.



De acordo com a Liga Europeia de Pesquisa Universitária<sup>12</sup> (2016), as universidades modernas da Europa originaram no século XVIII a principal produção e transmissão de conhecimento científico. Isso se deu pelo fato de haver um modelo educacional organizado em disciplinas<sup>13</sup>, pesquisa e ensino que são conduzidos em instituições acadêmicas e que levaram ao notável progresso científico, técnico, cultural e societal. Segundo a LERU:

Enquanto esse modelo foi de grande sucesso, a prática de ensino e pesquisa está evoluindo não somente por causa das dinâmicas de conhecimento, mas também num contexto mais amplo das transformações sociais guiadas pela globalização<sup>14</sup> e progresso tecnológico. (LERU, 2016, p. 5, tradução nossa).

De acordo com Apostel, Berger, Briggs e Michaud (1992 apud LERU, 2016, p. 9) devido as mudanças culturais que surgiram no mundo ocidental no final da década de 1960, novos e mais complexos problemas apareceram. Numa conferência da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) no ano de 1970 foi identificada que a pesquisa interdisciplinar é um meio de responder as mudanças sociais e desafios científicos.

O modelo de fragmentação do conhecimento em disciplinas cada vez mais específicas, que até a década de 1960-70 foi exitoso, não conseguia mais sozinho dar as respostas e as soluções aos problemas que emergiram a partir da evolução da sociedade. “Somente na segunda metade do século XX a fragmentação do conhecimento é vista como um entrave e, como alternativa a ela, surge a interdisciplinaridade.” (AIUB, 2006, p. 1). Segundo Aiub (2006):

---

<sup>12</sup> LERU, sigla em inglês para League of European Research Universities.

<sup>13</sup> Para entendermos Interdisciplinaridade, é necessário definirmos o que são disciplinas. Segundo Repko (2008), “disciplinas são comunidades acadêmicas que definem quais problemas devem ser estudados, promovem alguns conceitos centrais e organizam teorias, abrangem certos métodos de investigação, fornecem fóruns para compartilhar pesquisas e intuições e, oferecem caminhos de carreira para acadêmicos” (REPKO, 2008, p. 4, tradução nossa).

<sup>14</sup> A globalização é caracterizada por um estágio da sociedade moderna que é integrada mundialmente, uma sociedade sem fronteiras definidas, de fluxos e de interações globais. A globalização se torna um simples processo de interações transfronteiriças e transnacionais, de sistemas de produção, de transferências financeiras, de disseminação e uso da informação e da tecnologia, e até dos deslocamentos de pessoas em escala mundial (SOARES, 2007).

[...] com a evidente fragmentação do conhecimento e a constatação da necessidade de diálogo entre as diferentes disciplinas para compreender o mundo e o ser humano da contemporaneidade, ocorre um movimento de promoção da interdisciplinaridade. Constatada a impossibilidade de ensinar tudo a todos, como propunha Comenius, visto não ser possível a um mesmo profissional dominar saberes de todas as áreas, faz-se necessário um trabalho que estabeleça relações entre as diferentes disciplinas. A segunda metade do século XX é o cenário onde a interdisciplinaridade apresenta-se como alternativa diante da fragmentação dos saberes. (AIUB, 2006, p. 7).

Corroborando com a visão de Aiub (2006), Pádua et al. (2017) escrevem que “a interdisciplinaridade é apresentada como forma de superar o problema da fragmentação do saber, que foi estruturado a partir da modernidade”. (PÁDUA; TRIANI; CAVALCANTI; NOVIKOFF, 2017, p. 2).

O Quadro 1, proposto por Repko (2008), traz uma comparação entre as disciplinas estabelecidas (estudos fragmentados) e os estudos interdisciplinares.

Quadro 1: Comparação entre disciplinas estabelecidas e os estudos interdisciplinares.

<b>Disciplinas Estabelecidas</b>	<b>Estudos Interdisciplinares</b>
1. Reivindicam um corpo de conhecimento sobre assuntos ou objetos.	1. Reivindicam uma literatura profissional crescente, profundidade de análise e utilidade. Essa literatura inclui subespecialidades da teoria interdisciplinar, administração do programa, design do currículo, processo de pesquisa e avaliação. Mais importante, um corpo crescente de pesquisa interdisciplinar explícita nos problemas do mundo real que estão emergindo.
2. Tem métodos para adquirir conhecimento e teorias para ordenar esse conhecimento.	2. Faz uso dos métodos disciplinares, mas eles são subsumidos por um processo de pesquisa próprio que envolve extrair ideias disciplinares relevantes, conceitos, teorias, e métodos para produzir um novo conhecimento.
3. Procura gerar novos conhecimentos e teorias dentro dos domínios relacionados.	3. Produz novo conhecimento, melhor compreensão/entendimento, novos significados e avanços cognitivos.
4. Possui um núcleo de curso reconhecido.	4. Está começando a formar um núcleo de curso.
5. Tem sua própria comunidade de especialistas.	5. Está formando sua própria comunidade de especialistas.
6. São autônomos e procuram controlar seus domínios respectivos quando	6. É largamente dependente das disciplinas para fonte de material.

se relacionam um com o outro.	
7. Treinam seus especialistas no mestrado específico da disciplina e nos programas de doutorado.	7. Está treinando futuros especialistas em campos antigos, como estudos Americanos e, nos novos campos, como estudos culturais, através do mestrado e programas de doutoramento, além da graduação.

Fonte: Repko, 2008, p. 9, tradução nossa.

### 3.3 BREVE HISTÓRIA

Sobre a história da interdisciplinaridade, Ivani C. Fazenda (1995) descreve que “o movimento da interdisciplinaridade surge na Europa, principalmente na França e na Itália, em meados da década de 1960 [...] época que se insurgem os movimentos estudantis, reivindicando um novo estatuto de universidade”. (FAZENDA, 1995, p. 18). A interdisciplinaridade

[...] aparece, inicialmente, como tentativa de elucidação e de classificação temática das propostas educacionais que começavam a aparecer na época, evidenciando-se, através do compromisso de alguns professores em certas universidades, que buscavam, a duras penas, o rompimento a uma educação por migalhas. (FAZENDA, 1995, p. 18).

É visto em Repko (2008), que após a Segunda Guerra Mundial, houve um segundo<sup>15</sup> movimento geral de reforma estudantil que emergiu a partir do relatório<sup>16</sup> de Harvard datado de 1945. De acordo com Bender (1997)

Contra o pano de fundo do fascismo e comunismo, proponentes pretendiam que o currículo provesse um núcleo comum de conhecimento, crenças, e valores centrados nos ideais de liberdade e democracia – resumindo, uma ideologia nacional que se opusesse ao comunismo na era da Guerra Fria. Bender (1997 apud REPKO, 2008, p. 35, tradução nossa).

<sup>15</sup> O primeiro movimento geral educacional surgiu após a Primeira Guerra Mundial em resposta a vários problemas que afetaram a cultura e educação americana na época.

<sup>16</sup> O relatório *General Education in a Free Society*, propunha um novo currículo educacional baseado nas ciências e escrituras da tradição humanista europeia.

O termo interdisciplinaridade é usado desde a década de 1920, apesar de que sua presença efetiva na academia, na agenda política científica, ganhou força somente no final do século XX (LERU, 2016). Isso porque

as ideias e a reforma da agenda promovida pelos primeiros interdisciplinares não foram bem recebidas pela academia, pois desafiavam a ordem estabelecida. Desde então, a agenda interdisciplinar polarizou muitas vezes o debate na academia [...]. Controvérsias e tensões permaneceram durante anos, quando o tópico se tornou mais proeminente pelo impulso dos governos e agências de financiamento num contexto onde profundas transformações sociais associadas a globalização impactaram a produção da ciência. (LERU, 2016, p. 9, tradução nossa).

Essas transformações trariam consigo reformas no ensino superior que necessitavam atender as novas demandas do mundo globalizado. No Brasil, novas diretrizes foram adicionadas na finalidade do ensino superior. Como observado em Ventura e Lins (2014), no Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, de 1996 determina quais são os objetivos da educação de ensino superior. Segundo a LDB (1996) a finalidade da educação superior é:

Suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, *integrando os conhecimentos* que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração. (Lei n.9394, art. 43 V, grifo nosso).

A integração do conhecimento pode ocorrer de diferentes maneiras, com diferentes propósitos, e para cada uma delas existe uma nomenclatura específica.

### 3.4 MULTI, INTER E TRANSDISCIPLINARIDADE

É visto em Ventura e Lins (2014), que em conformidade com o Instrumento de avaliação de cursos de graduação presencial e a distância do Ministério da Educação, aplicável no reconhecimento de cursos nos graus de tecnólogo, licenciatura e bacharelado – a interdisciplinaridade é entendida como:

[...] uma estratégia de abordagem e tratamento do conhecimento em que duas ou mais disciplinas/unidades curriculares ofertadas simultaneamente estabelecem relações de análise e interpretação de conteúdos, com o fim de propiciar condições de apropriação pelo discente, de um conhecimento mais abrangente e contextualizado. (BRASIL, 2012).

A definição de interdisciplinaridade apresentada pelo Ministério da Educação vai ao encontro a definição de Repko (2008), que o fez a partir de três<sup>17</sup> definições reconhecidas mundialmente e com consenso dos pesquisadores. Sua definição de estudos interdisciplinares é:

[...] o processo de responder perguntas, solucionar um problema, ou endereçar um tópico que é muito amplo ou complexo para ser tratado adequadamente por uma única disciplina e, atrai a perspectiva disciplinar e integra suas ideias para promover uma melhor compreensão ou avanço cognitivo. (REPKO, 2008, p. 12, tradução nossa)

É visto em Repko (2008), Aiub (2006), Ventura e Lins (2014) que apesar de se tratar sobre o significado de interdisciplinaridade, é necessário abordar outras formas de relação entre as disciplinas com o objetivo de evitar confusões, visto que essas palavras já foram vistas como sinônimas anteriormente na história. Expressões como multidisciplinaridade ou pluridisciplinaridade e, transdisciplinaridade também são usualmente usadas em artigos, livros, revistas, jornais, dentre outros.

De acordo com Monica Aiub (2006) a multidisciplinaridade pode ser entendida como “a mesma questão sendo tratada por disciplinas diferentes. As disciplinas mantêm seus limites e métodos, estabelecem um diálogo abordando a questão a partir da sua perspectiva.” (AIUB, 2006, p. 10). Na multidisciplinaridade, “as relações entre as disciplinas são meramente de proximidade, não há uma integração real

---

<sup>17</sup> As três definições são dos autores: Klein e Newell (1997); Academia Nacional de Ciências, Academia Nacional de Engenharia e Instituto de Medicina (2005); Veronica Boix Mansilla (2005).

entre elas”. Moran (2002 apud REPKO, 2008, p. 13, tradução nossa). Há duas metáforas que ilustram o que seria multidisciplinaridade, segundo Nissani (1995):

A metáfora ideal para os estudos multidisciplinares seria a do cesto de frutas: as disciplinas estão apenas próximas umas das outras. Ou, nos melhores casos, a da salada de frutas: há uma associação dos diferentes sabores, porém eles ficam individualmente preservados. Nissani (1995 apud VENTURA; LINS, 2014, p. 108).

Na interdisciplinaridade, expressão que domina os debates internacionais, “há transferência de métodos<sup>18</sup> de uma disciplina para a outra”. (AIUB, 2006, p. 10). Monica Aiub (2006) afirma que existem três graus de transferência de métodos: de aplicação<sup>19</sup>, epistemológico<sup>20</sup> e de geração de novas disciplinas<sup>21</sup>. De acordo com essa ideia, Ventura e Lins (2014) argumentam que além da transferência de método, há transferência de conceitos e resultados entre as disciplinas em abordagem. Segundo Nissani (1995), a metáfora ideal para a interdisciplinaridade seria “a do *smoothie* – bebida feita com frutos frescos mixados por vezes misturados com sorvete ou iogurte; mas que não é nem suco de frutas nem *milk shake*.” Nissani (1995 apud VENTURA; LINS, 2014, p. 108). Segundo Nikitina (2005):

Em contraste, multidisciplinaridade e interdisciplinaridade procuram superar o monismo disciplinar, mas por caminhos diferentes. Os limites da multidisciplinaridade são atividades que apenas apreciam diferentes perspectivas disciplinares. Mas interdisciplinaridade significa desafiar os limites disciplinares no que as teorias, conceitos e métodos são apropriados para um problema e serem abertos para métodos alternativos de investigação, usando diferentes ferramentas disciplinares e cuidadosamente avaliando o grau de utilidade de uma ferramenta versus outra para iluminar o problema. Nikitina (2005 apud REPKO, 2008, p. 15, tradução nossa).

Por fim, a transdisciplinaridade tem como ideia principal a recusa à abordagem fragmentada que caracteriza a concepção disciplinar tradicional. Ela

<sup>18</sup> “Método se preocupa com a conduta da pesquisa, análise de dados ou evidência, testa teorias e cria novos conhecimentos”. Rosenau (1992 apud REPKO, 2008, p. 104, tradução nossa).

<sup>19</sup> Método de aplicação, seria, por exemplo, “métodos da física nuclear transferidos para a medicina levam ao aparecimento de novos tratamentos para o câncer”. (AIUB, 2006, p. 8).

<sup>20</sup> Método epistemológico seria, por exemplo, “a transferência de métodos da lógica formal para o campo do direito, produz análises interessantes na epistemologia do direito”. (AIUB, 2006, p. 8).

<sup>21</sup> Método de geração de novas disciplinas, seria, por exemplo, “a transferência de métodos da matemática para o campo da física gerou a física matemática, os da física de partículas para a astrofísica, a cosmologia quântica”. (AIUB, 2006, p. 8).

reúne saberes para além das disciplinas, passando suas fronteiras para dedicar-se a um objeto preciso, de acordo com Nicolescu (1994 apud VENTURA; LINS, 2014, p. 108). Para Igra (2009 apud VENTURA; LINS 2014, p. 108) “implica a produção de conteúdos e métodos novos a partir do mundo real, explorando numerosas disciplinas sem aderir a elas.” Em suma, “transdisciplinaridade é a aplicação de teorias, conceitos ou métodos através das disciplinas com a intenção de desenvolver uma síntese abrangente.” Lattuca (2001 apud REPKO, 2008, p. 15, tradução nossa).

É observado a diferença entre transdisciplinaridade e interdisciplinaridade em Repko (2008):

Transdisciplinaridade difere da interdisciplinaridade no que se refere as teorias, conceitos ou métodos que não são emprestados de uma disciplina e aplicada em outras disciplinas interessadas no mesmo problema, mas antes, transcendem as disciplinas e, portanto, são aplicáveis em muitos campos. (REPKO, 2008, p. 15, tradução nossa).

Um exemplo de estudos transdisciplinares é a “sociobiologia, que aplica os princípios da seleção natural e biologia evolucionária no estudo do comportamento animal.” Lattuca (2001 apud REPKO, 2008, p. 15, tradução nossa).

### 3.5 DIFERENTES TIPOS DE INTERDISCIPLINARIDADE

Além de diferenciar as palavras “multi”, “inter” e transdisciplinaridade cujos significados se assemelham e poderiam gerar certa confusão, Klein (2005 apud REPKO, 2008, p. 17, tradução nossa) atenta que nem todas as interdisciplinaridades são iguais; diferentes definições refletiriam visões dispares de pesquisa e educação, o papel das disciplinas e o papel da crítica. “Existem três formas principais de interdisciplinaridade: interdisciplinaridade instrumental, interdisciplinaridade conceitual e interdisciplinaridade crítica.” (REPKO, 2008, p. 17, tradução nossa).

A interdisciplinaridade instrumental, de acordo com Repko (2008), é uma abordagem que foca na pesquisa, empresta métodos (que devem se integrar) e soluções de problemas práticos para responder as demandas externas da sociedade. “O objetivo da interdisciplinaridade instrumental é procurar solucionar os

problemas do mundo real ou iluminar e criticar premissas (disciplinares, ideológicas, etc.) em que a interdisciplinaridade se projeta.” (REPKO, 2008, p. 18, tradução nossa).

De acordo com Salter e Hearn (1996 apud REPKO, 2008, p. 18, tradução nossa), a interdisciplinaridade conceitual é pragmática e enfatiza a integração do conhecimento e a importância de se fazer perguntas que não tenham uma base de disciplina única. Desse modo, “essa noção de interdisciplinaridade frequentemente implica uma crítica dos entendimentos disciplinares, no caso dos estudos culturais, feminismo e abordagens pós-modernas.” (REPKO, 2008, p. 18, tradução nossa).

A terceira forma de interdisciplinaridade seria a crítica. Conforme Repko (2008), seu objetivo seria interrogar estruturas existentes do conhecimento e da educação, levanta questões de valor e propósito. Klein (2005), afirma que:

Em vez de construir pontes entre unidades acadêmicas com a finalidade de solucionar problemas práticos, críticos interdisciplinares procuram transformar e dismantelar a fronteira entre literatura e política, tratam objetos culturais racionalmente e defendem a inclusão de “baixa cultura”. Klein (2005 apud REPKO, 2008, p. 18, tradução nossa).

É destacado em Repko (2008), que essas distinções entre interdisciplinaridade pragmática e crítica não são absolutas. “Pesquisa sobre problemas sistêmicos e complexos como meio-ambiente e cuidados da saúde, frequentemente refletem uma combinação de abordagem crítica e de solução de problemas.” (REPKO, 2008, p. 18, tradução nossa).

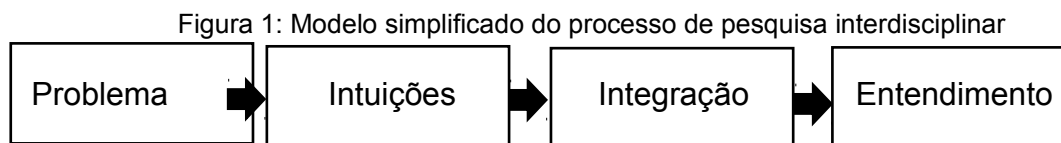
Até agora foi explicitado uma breve história do surgimento do movimento de interdisciplinaridade, a etimologia da palavra, a diferença entre estudos que são disciplinares e interdisciplinares (conforme o Quadro 1), diferenças entre as expressões multi, inter e transdisciplinaridade e os três tipos de interdisciplinaridade existentes.

Na próxima seção é apresentado como funciona o processo de pesquisa interdisciplinar, pois é a partir dela que a pesquisa de como o turismo contribui para a paz é desenvolvido.



### 3.6 PROCESSO DE PESQUISA INTERDISCIPLINAR

Faz-se necessário, também, entender de modo simplificado como funciona o processo de pesquisa interdisciplinar (Figura 1), com a finalidade de compreender quando um problema de pesquisa pode ser desenvolvido no meio interdisciplinar. De acordo com Repko (2008), “um problema é pesquisável no senso interdisciplinar, (1) quando é o foco de duas ou mais disciplinas e, (2) quando há uma lacuna de atenção do problema além de um domínio.” (REPKO, 2008, p. 144, tradução nossa).



Fonte: Repko, 2008, p. 141, tradução nossa.

A Figura 1 é um modelo simplificado do processo de pesquisa interdisciplinar, no entanto, ela não deixa claro como proceder desde o problema inicial até a fase final do processo, que é o entendimento. Dessa maneira, Repko (2008) detalhou em 10 etapas (conforme mostra o Quadro 2), como deve-se proceder na conduta do processo de pesquisa interdisciplinar.

Quadro 2: Um modelo integrado do processo de pesquisa interdisciplinar

A. Baseando-se em ideias disciplinares <sup>22</sup>
1) Definir um problema ou indicar a questão em foco
2) Justificar usando uma abordagem interdisciplinar
3) Identificar disciplinas relevantes
4) Conduzir uma pesquisa literária
5) Desenvolver adequadamente em cada disciplina relevante
6) Analisar o problema e avaliar cada ideia
B. Integrar ideias e produzir um entendimento interdisciplinar
7) Identificar conflitos entre ideias e suas fontes
8) Criar ou descobrir um terreno comum
9) Integrar ideias
10) Produzir um entendimento interdisciplinar do problema e testá-lo

Fonte: Repko, 2008, p. 142, tradução nossa.

<sup>22</sup> “O termo “ideias disciplinares” inclui ideias de disciplinas, subdisciplinas, interdisciplinas e escolas de pensamento.” (REPKO, 2008, p. 142, tradução nossa).

Embora tenha sido identificada pela OCDE na década de 1970 como um meio para responder as mudanças sociais e os desafios científicos, o desenvolvimento das pesquisas interdisciplinares, de acordo com a LERU (2016), ainda no começo do século XXI são encontrados obstáculos estruturais e organizacionais, que incluem a baixa avaliação interdisciplinar na academia e a dificuldade de publicar pesquisas interdisciplinares. A prática da interdisciplinaridade foi impulsionada pelos fortes condutores científicos e sociais que progressivamente se desenvolveram e se espalharam pelas instituições acadêmicas com um suporte tímido, mas crescente das agências de investimento. “Muitos campos de estudo interdisciplinares surgiram nos últimos 40 anos nas ciências sociais e humanas.” (LERU, 2016, p. 10, tradução nossa).

Nos últimos 40 anos, como destacado pela LERU (2016), o processo de pesquisa interdisciplinar tornou-se a grande tendência das universidades e de agências de financiamento de pesquisa no âmbito nacional e internacional.

Segundo LERU (2016), são listados 8 pontos principais para esse progresso contínuo das últimas quatro décadas: (1) o tópico tornou-se parte integral de estratégia de muitas instituições de ensino; (2) como um novo mantra na política de educação superior, fundos de investimento são criados a fim de facilitar a colaboração entre as disciplinas; (3) com o desenvolvimento de novos campos, programas interdisciplinares foram criados na graduação, mestrado e Ph.D.<sup>23</sup>; (4) interdisciplinaridade se tornou objeto de investigação no seu próprio campo crescente de literatura, história e processo; (5) novos centros interdisciplinares surgiram com pesquisas conduzidas nos campos multi, inter e trans-disciplinários com grupos de pesquisadores<sup>24</sup> de alto impacto tecnológico, de negócios e sociais; (6) análises de milhares de documentos e patentes durante décadas criaram conhecimento desde ciências e engenharias até ciências sociais e humanas; (7) progressos foram feitos no entendimento da dinâmica dos grupos de pesquisadores; (8) o aumento da interdisciplinaridade influenciou a própria definição de disciplinas<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> "É abreviatura do latim medieval *Philosophiae Doctor* (Doutor em Filosofia). Nos países anglo-saxões, é título conferido aos que, depois de formados, se dedicam a pesquisas avançadas, em universidades, numa determinada área, sendo exigidas, para a obtenção do título, a elaboração e a dissertação de uma tese". (SACCONI, 2010, p. 1591).

<sup>24</sup> No terceiro capítulo desta monografia, é abordado o conceito de “Peace-sensitive tourism” desenvolvido a partir da interdisciplinaridade entre turismo e paz, pelos pesquisadores Cordula Wohlmuther e Werner Wintersteiner.

A próxima seção apresenta a relação das disciplinas de relações internacionais e turismo, que é fruto de um processo de estudos, de um trabalho de pesquisa interdisciplinar que começou a ser desenvolvido nos últimos 40 anos, e que tem sinalizado influências de uma disciplina na outra, assim como o compartilhamento do conhecimento entre ambas as disciplinas pode contribuir para a resolução de novos problemas advindos das mudanças sociais e dos novos desafios científicos.

### 3.7 INFLUÊNCIAS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS NO TURISMO

Em conformidade com Barretto; Burgos; Frenkel (2003), ainda há muito a ser estudado sobre a influência das relações internacionais nos estudos do turismo. Tampouco, o turismo tem sido estudado no campo das Relações Internacionais (RI), pelo fato de que o turismo não é objeto próprio da disciplina de RI. Entretanto, “uma vez que o turismo é considerado hoje por muitos autores<sup>26</sup> como um dos “paradigmas<sup>27</sup> da globalização”, seria difícil que não houvesse uma grande influência recíproca entre as RI e turismo”. (BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003, p. 40).

De acordo com Fernandes (1998), a partir da década de 1960 (época que também insurgiam os movimentos interdisciplinares na Europa), a ideia de que os Estados eram atores únicos das Relações Internacionais começou a se tornar objeto de discussão, visto que a vida internacional não mais poderia ser reduzida às relações interestatais. Segundo Barretto, Burgos, Frenkel (2003), “novas entidades de caráter público, com personalidade jurídica internacional, surgiram e tornaram-se importantes protagonistas do cenário internacional: as organizações internacionais”. (BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003, p. 40-41). Segundo Castelli (1996), as organizações internacionais

---

<sup>25</sup> “Por exemplo, enquanto a tradicional definição de biologia se preocupa com o estudo da vida, essa disciplina usa tecnologia avançada da engenharia em várias análises (imagem de ressonância magnética), e a própria biologia deu origem a especialidades como bioquímica e bioinformática”. (LERU, 2016, p. 11, tradução nossa).

<sup>26</sup> Nesse sentido consultar Soares (2007).

<sup>27</sup> Por paradigma entende-se “as suposições fundamentais que os especialistas fazem sobre o mundo, o que é desconhecido, como se deve enxergar esse mundo se quer conhecer o desconhecido e, finalmente o que merece ser conhecido” Rodrigues (apud SALDANHA, 2006, p. 18).

começaram a proliferar após a Primeira Guerra Mundial, mas foi, sobretudo, a partir do término da Segunda Guerra Mundial que elas ganharam um impulso tal que cobriram a quase totalidade das atividades representadas pelos vários setores que compõem a vida das nações. E foi através destas organizações que as nações intensificaram as suas relações internacionais, objetivando uma maior compreensão entre si. (CASTELLI, 1996, p. 95).

É visto em Fernandes (1998) que

A vida internacional complexiza-se, e os fenômenos políticos e sociais de relevância internacional ultrapassam as chancelarias dos Estados [...] O domínio das Relações Internacionais deixa de compreender apenas a afirmação externa do poder dos Estados, os conflitos internacionais e as relações diplomáticas estratégicas e passa a englobar também os *fenômenos de interdependência* e solidariedade, as relações econômicas e culturais [...] E daí que as relações internacionais constituem a ciência dos fenômenos sociais internacionalizados [...]. (FERNANDES, 1998, p. 16, grifo nosso).

O Estado, juntamente com outros atores como as Organizações Internacionais são instituições importantes no que tange orquestrar as relações humanas no sistema internacional. O Estado e “sua intervenção e a ação dos seus representantes seguem influenciando determinadamente o curso dos acontecimentos no âmbito internacional”. (FERNANDES, 1998, p. 18). Já Maria O. de Oliveira (1999), argumenta que “os Estados não se apresentam de forma estanque, como blocos monolíticos. Dentro deles, muitas vezes, grupos, segmentos de interesse ou até mesmo indivíduos, são os que realmente tomam as decisões”. (OLIVEIRA, 1999, p. 28).

Em conformidade com Barretto, Burgos, Frenkel (2003), o estudo das Relações Internacionais teve no início<sup>28</sup>, a busca por explicações e soluções para a guerra. Segundo Seitenfus (2004),

A existência de agrupamentos humanos autônomos e relativamente diferenciados na antiguidade ocasiona o surgimento das primeiras manifestações das Relações Internacionais. A organização de Alianças militares entre cidades gregas e a instituição de mediadores para auxiliar na solução de conflitos impregnam de forma indelével o bicefalismo originário e

---

<sup>28</sup> “As relações internacionais, concebidas como os contatos entre grupos socialmente organizados, datam dos primórdios da humanidade. Todavia, a disciplina universitária das RI surgiu somente em 1919, quando a Universidade do País de Gales criou uma cadeira específica [...]” (SEITENFUS, 2004, p. 25).

secular das RI: a capacidade de fazer a guerra e os esforços para a manutenção da paz. (SEITENFUS, 2004, p. 2).

Segundo Fred Halliday (1999), o estudo das RI “passou a englobar uma agenda mais ampla, em particular de atividade econômica. À medida que o mundo muda, também mudam as questões colocadas para o estudo acadêmico do internacional.” (HALLIDAY, 1999, p. 18-19).

Para Halliday (1999), é a partir da década de 1980 que novas questões internacionais entram na agenda internacional como questões ambientais, a situação internacional da mulher no mundo e o avanço das telecomunicações. Naquele momento, as relações internacionais começam a interagir, emprestando e cedendo conhecimento ao conjunto das ciências sociais. Como afirma Fernandes (1998),

[...] outras temáticas se vieram acrescentar, em virtude da *complexidade crescente da vida internacional*. Com efeito, a *revolução científica e tecnológica*, a *evolução da estrutura da economia mundial*, a *internacionalização dos interesses e atividades privadas*, a *formação de blocos econômicos regionais*, a *proteção internacional dos direitos do homem*, os processos de *integração e de concertação dos Estados* vieram enriquecer o objeto das relações internacionais. (FERNANDES, 1998, p. 18, grifo nosso).

De acordo com Barretto, Burgos, Frenkel (2003), a natureza interdisciplinar das relações internacionais lhe proporciona uma vasta variedade de pesquisas em temas mais específicos.

O sociólogo das relações internacionais, Marcel Merle (apud OLIVEIRA, 1999, p. 29) conceitua o objeto de estudo das Relações Internacionais a partir de um prisma, cuja visão permite analisar o fenômeno turístico com base nas RI, ao defini-lo como:

[...] o conjunto de transações ou fluxos que atravessam as fronteiras ou apenas tendem a atravessar as fronteiras [...] (Portanto) as relações internacionais podem ser definidas não em termos das fronteiras que as envolvem, mas em termos das fronteiras que transgridem. Merle (apud OLIVEIRA, 1999, p. 29).

De acordo com Oliveira (1999), esses fluxos são caracterizados entre indivíduos e os grupos públicos e privados de ambos os lados das fronteiras.

Assim como Merle, Stanley Hoffman (apud OLIVEIRA, 1999, p. 30) também define o objeto das RI de modo que permite visualizar o turismo como ator das relações internacionais se considerarmos sua influência política. “A disciplina de relações internacionais ocupa-se dos fatores e atividades que afetam a política externa e o poder das unidades básicas em que está dividido o mundo.” Hoffman (apud OLIVEIRA, p. 30). Barretto, Burgos, Frenkel (2003) concluem que, o turismo, é um fenômeno social e econômico internacionalizado, e insere-se como objeto de estudo das relações internacionais, pois diante das transformações do mundo, há uma maior amplitude e abrangência do escopo de preocupações da disciplina.

Para Tulik (1994 apud BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003, p. 47), a formação de blocos regionais e sub-regionais e seus acordos comerciais fortalecem as relações econômicas entre os países, que buscam além de facilitar a troca de bens e serviços, também o trânsito de pessoas. Segundo Tulik (1994), “nos blocos econômicos, perdem seu significado as fronteiras políticas e ideológicas que antes faziam considerar territórios vizinhos como estrangeiros”. Tulik (1994 apud BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003, p. 47).

Já Boër (1999 apud BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003, p. 48) afirma que a formação e consolidação de blocos regionais, a exemplo, o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), o Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA) e a União Europeia (UE), promovem políticas comuns de desenvolvimento econômico, social e financeiro e estimulam o turismo,

que encontra condições favoráveis para se desenvolver nas facilidades em relação à circulação de pessoas, bens e serviços previstas nos tratados integracionistas. [...] enormes contingentes de pessoas deslocam-se em escala planetária, assim como vultuosas somas de capitais circulam em minutos. Boër (1999 apud BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003, p. 48).

Para Barretto, Burgos, Frenkel (2003, p. 48), “as políticas de turismo parecem cada vez mais estarem sendo implementadas em níveis supranacionais.” De acordo com Lanfant e Graburn (1995 apud BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003, p. 48), o turismo começa a compor estratégias para o desenvolvimento global uma vez que:

a promoção do turismo está se transformando num modelo universal para o desenvolvimento. Os objetivos que a inspiram não pertencem [...] ao domínio estrito da organização de viagens de prazer ou ao desenvolvimento de áreas de lazer. Surgem de uma política de desenvolvimento global que intenta, através do desenvolvimento do turismo, modelar o ambiente, estruturar territórios e intenta unir regiões improdutivas com centros urbanos. Mais ainda, com a nova tendência para o “turismo sustentado” [...] esta política se encaixa nas estratégias de preservação do planeta e das culturas locais. Lanfant e Graburn (1995 apud BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003, p. 48-49).

Entretanto, Frances Brown (1998 apud BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003, p. 49) aponta que apesar de o turismo ter uma maior relevância política no cenário internacional, seus estudos nas áreas de RI são escassos. Para Brown (1998), as relações internacionais têm estado demasiadamente preocupadas com estudos de “alta política” e segurança nacional. Em seus estudos, Brown (1998) criou um quadro (Quadro 3), cujo objetivo é mostrar as influências que as relações internacionais têm sobre o turismo e mostrar a relevância dessa conexão.

Quadro 3: Preocupações das Relações Internacionais e efeitos relacionados ao Turismo.

<b>Preocupações das Relações Internacionais</b>	<b>Efeitos relacionados ao Turismo</b>
Guerra/Conflito	Desencoraja visitantes para dentro de uma ampla área; danificação da infraestrutura turística.
Competitividade econômica	Turismo escolhido como “fácil” de implementar.
Flutuações cambiais da divisa/Desvalorização/ Inflação	Os operadores turísticos e turistas se deslocam para países mais baratos.
Interação global	O turismo coloca sociedades “tradicionais” ou isolacionistas dentro da corrente global.
Crescimento/ Desenvolvimento/ Reestruturação	O turismo suplanta a agricultura nos países subdesenvolvidos e substitui a manufatura dos países desenvolvidos.
Neocolonialismo/ Relações centro-periferia	O turismo como agente de perpetuação da dependência estrutural imposta colonialmente.
Movimentos secessionistas, independentistas ou de mudanças radicais	Atacam turistas para ferir o governo financeiramente ou para chamar a atenção sobre sua causa.
Promoção de ideologia/ forma de vida	O turismo utilizado para melhorar a imagem notadamente através de megaeventos.
Desencorajamento da ideologia e das políticas dos outros	Embargos de viagem; legislação extraterritorial.
Cooperação Internacional	Estratégias de <i>marketing</i> regional.

Desregulamentação	Tarifas mais altas/mais baixas; serviços melhores/piores; questões de segurança nas viagens.
Soberania	O país pode facilitar o turismo para territórios disputados para fortalecer seus reclamos (sobre eles).
Fluxos de pessoas através das fronteiras	Possível integração regional; pode preannunciar ou preannunciar fluxos de ajuda.
Novos arranjos no poder político/ surgimento de novos interesses	Balança de comércio internacionalmente afetada.
Mudanças sociais que podem ser bem-vindas ou não pelos governos	Investimentos estrangeiros/externo nas destinações.
Barômetro das relações e alianças dos países	Imposição ou revogação dos instrumentos de visto.
Grande visibilidade dos turistas	Alvo potencial para grupos descontentes.

Fonte: Brown, 1998 apud BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003, p. 52.

Segundo Barretto, Burgos, Frenkel (2003), tanto as guerras, como a paz, objetos de estudo das relações internacionais, influenciam o turismo. De acordo com a Agência de Notícias Brasil-Árabe (ANBA, 2016), a quantidade de turistas estrangeiros que visitaram o Egito em 2016 caiu 41,9% em relação ao mesmo mês de julho do ano anterior. Em julho de 2015 o Egito recebeu 912 mil turistas internacionais, todavia em julho de 2016 recebeu 529 mil visitantes estrangeiros. A queda acentuada foi reflexo de um ataque terrorista que explodiu um avião russo, que vitimou 224 pessoas. A Rússia na época era a principal emissora de turistas para o Egito. Por outro lado,

processos de retomada de paz também têm notórios efeitos sobre o turismo, estimulando fluxos de ávidos visitantes, como no cessar-fogo do IRA em 1994, quando a baixa atividade turística na Irlanda do Norte deu um salto em 1995 próximo aos 20%, atingindo um índice recorde de 1,5 milhão de turistas. Brown (1998 apud BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003, p. 51).

Ainda existem poucos estudos que conectam as disciplinas de Turismo nas Relações Internacionais, pois acreditava-se que o turismo não seria propriamente um objeto de estudo das RI. Entretanto, Pecequillo (2010), afirma que os contatos constantes e diversificados das mais variadas naturezas levam uma demanda de compreender o ambiente internacional, e que o objeto de estudo da disciplina são os atores, fenômenos e acontecimentos que ocorrem nesse sistema internacional.



Desse modo, o turismo como fenômeno internacional pode ser objeto de estudo das RI. Mais ainda, pode contribuir para gerar um ambiente economicamente próspero, socialmente amigável, culturalmente preservado, proporcionando tolerância e compreensão do outro, criando cooperação e colaborando com um cenário de paz. Alguns exemplos relacionados ao Quadro 3, são encontrados em Brown (1998 apud BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003), como os conflitos entre Timor Leste e Indonésia invasora, e os abusos aos direitos humanos na região que haviam sido ignorados pelo ocidente até que grupos étnicos timorenses sequestraram em 1996, uma expedição de cientistas ocidentais, então o tema “Timor” foi incorporado na agenda internacional.

Sobre as flutuações cambiais e a alteração no turismo internacional, Brown (1998 apud BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003) apontam que no verão de 1997, o fortalecimento da libra esterlina levou grande número de ingleses à França, ao passo que franceses não foram à Inglaterra.

O bombardeamento da cidade croata de Dubrovnik (tombada pela UNESCO como patrimônio da humanidade desde 1979) por sérvios e montenegrinos, segundo Brown (1998 apud BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003), abalou a economia, além de destruir um grande símbolo da cultura e patrimônio croatas. A atividade turística só retomou sua normalidade dez anos após o bombardeamento de 1992.

Para Boër (1999 apud BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003), os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo são megaeventos que impulsionam fortemente a indústria turística e todo o seu entorno. Segundo dados da Empresa de Turismo do município do Rio de Janeiro (Riotur, 2016), “durante a Copa do Mundo, realizada no Brasil entre junho e julho de 2014, circularam 1,04 milhão de visitantes internacionais, turistas que desembolsaram US\$ 1,58 bilhão no período”. Tais eventos, para Boër (1999 apud BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003) trazem prestígio aos Estados anfitriões, no cenário político e econômico internacional.

Segundo Boër (1999 apud BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003), o turismo deve ser considerado na atualidade como um expressivo fenômeno econômico, político, social e cultural. Para Barretto, Burgos, Frenkel (2003):

O alvorecer do século XXI faz do turismo fenômeno cada vez mais atrelado às relações internacionais. Os efeitos sobre o turismo internacional da sofisticação do terrorismo e do acirramento dos conflitos étnicos, religiosos e raciais de um continente a outro – apenas aludindo a esses aspectos de indiscutível notoriedade no presente – são facilmente perceptíveis. (BARRETTO; BURGOS; FRENKEL, 2003, p. 55).

Como afirma Naisbitt (1994), “quanto maior a economia mundial, mais poderosos são os seus protagonistas menores [...]” (NAISBITT, 1994, p. 2). Nesse sentido, como aponta Barretto, Burgos, Frenkel (2003), o turismo como indústria está sujeito às decisões do indivíduo e à medida que exerce grande influência no cenário internacional, evidencia cada vez mais, que os indivíduos têm um papel a desempenhar nas relações internacionais, pois são também quem tomam as decisões nas organizações internacionais, ONG’s e a frente dos Estados, os quais segundo a teoria liberal das RI são os atores do sistema internacional.

## 4 PEACE-SENSITIVE TOURISM: COMO O TURISMO PODE CONTRIBUIR PARA A PAZ NO SISTEMA INTERNACIONAL

Nesse capítulo é abordado a trajetória histórica da relação entre turismo e paz, com o objetivo de analisar o desenvolvimento da temática ao longo do século XX e do começo do século XXI. Além disso, apresento o conceito da *Peace-sensitive tourism*, uma questão interdisciplinar que abarca as disciplinas de turismo e relações internacionais e relaciona o turismo com a promoção da paz no sistema internacional. A finalidade desse capítulo é analisar como o turismo pode contribuir para a paz no cenário internacional segundo a visão da teoria liberal das relações internacionais.

### 4.1 BREVE HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO DA RELAÇÃO TURISMO E PAZ NO SÉCULO XX e XXI

De acordo com Cordula Wohlmuther<sup>29</sup> e Werner Wintersteiner<sup>30</sup> (2013), a relação entre turismo e paz não é recente. O Turismo desde o seu início, foi constantemente definido como um meio de promover a paz e o entendimento mútuo entre diferentes povos, de diferentes culturas, línguas e nações.

Segundo Louis D'Amore (2013), em 1909 o professor alemão, Richard Schirrmann, fundador do *Hostelling International*, introduzia aos seus alunos as maravilhas da natureza do interior do país e a cultura da cidade.

---

<sup>29</sup> Cordula Wohlmuther completou seus estudos na Universidade de Viena. Durante seu Ph.D., trabalhou no Instituto Hannah-Arendt, onde pesquisava Regimes Totalitários na Universidade Técnica de Dresden, Alemanha. Foi designada pelo Ministério do Exterior da Áustria para a Organização para a Segurança e Cooperação da Europa (OSCE), onde trabalhou por seis anos. Também trabalhou na Organização Mundial do Turismo como Deputada Diretora Regional para a Europa. Em 2012 foi coordenar o projeto "Turismo e Paz" uma iniciativa da UNWTO e da Universidade de Klagenfurt, Áustria, no "Centre for Peace Research and Peace Education".

<sup>30</sup> Werner Wintersteiner é professor e possui Mestrado em estudos Franco-Germânicos na Universidade de Viena. É Ph.D. em Educação pela Universidade de Klagenfurt, Áustria. É o Diretor-Fundador do "Centre for Peace Research and Peace Education", onde pesquisa principalmente educação de paz e cidadania global, movimentos de paz, cultura e paz, globalização, pós-colonialismo, transculturalidade e literatura (educação). É autor de aproximadamente 300 artigos de jornais e capítulos de livros, foi autor e co-editor de mais de 30 livros, incluindo monografias sobre cultura e educação para a paz, globalização e educação.

Cada floresta, cada planície, cada flor, cada montanha, cada vila, cada cidade, é uma página separada da nossa pátria. É necessário, que você mesmo se familiarize com essas páginas pela experiência, em vez de ler sobre elas. Mas viajar além das fronteiras do seu país, procurar novas pessoas de outras terras e, apreciar aqueles que têm línguas e experiências diferentes, por fazer isso, vizinhos e amigos, constroem, portanto, os albergues da juventude, e abrem eles para todos os jovens do mundo, como a casa da paz, pelo bem da humanidade. *International Institute for Peace through Tourism* (2008 apud D'AMORE, 2013, p. 355, tradução nossa).

Para D'Amore (2013), a filosofia do professor alemão era fornecer a todos os jovens de todos os países, lugares de encontro adequados em todas as partes do mundo, onde eles pudessem se conhecer e intercambiar ideias, desse modo, os jovens construiriam uma importante parte da educação, que contribuiria para a compreensão internacional.

Ao encontro da filosofia do professor Schirrmann de 1909, o professor holandês, Wim Treub em 1925, anfitrião do evento *International Congress of Official Associations of Tourist Propaganda*, sediado em Haia, Holanda, enfatizou a necessidade de

encorajar as viagens para que pessoas diferentes possam se entender e tornarem-se mais familiarizadas umas com as outras, assim colaborando com a paz, tão arduamente desejada entre as pessoas, que acabaram de sobreviver uma mortífera e prolongada guerra<sup>31</sup>. Treub (1925 apud WOHLMUTHER; WINTERSTEINER, 2013, p. 17, tradução nossa).

Tanto o professor Schirrmann, quanto o professor Treub, no começo do século XX, enfatizava as viagens como uma maneira de conhecer, compreender o outro. As viagens, desse modo, proporcionariam as pessoas a se familiarizarem com indivíduos de culturas diferentes e de diferentes países.

De acordo com D'Amore (2013), a França, no pós-Segunda Guerra Mundial, começou a organizar viagens estudantis para a Alemanha. A finalidade dessas viagens era reunir os jovens de ambos os países, cujos pais haviam sido inimigos por anos. Os jovens, portanto, tinham a oportunidade para se comunicarem uns com os outros, de se entenderem, de compartilharem suas ideias e expectativas de vida. Das viagens estudantis organizadas entre França e Alemanha, surgiu no ano de

---

<sup>31</sup> O professor Wim Treub estava se referindo à Primeira Guerra Mundial (1914-1919).

1950, a *Federation of Youth Travel Organisations* (FIYTO), uma organização cujo objetivo é promover a compreensão internacional entre jovens a partir de viagens<sup>32</sup>.

Seguindo o percurso do tempo, é visto em Wohlmuther e Wintersteiner (2013), que em 1967 a Organização das Nações Unidas teve o primeiro Ano do Turismo Internacional com o “slogan” “Turismo: Passaporte para a Paz”. O turismo, portanto, entrava na agenda internacional, num mundo cuja interdependência e globalização se tornavam evidentes.

De acordo com Wohlmuther e Wintersteiner (2013), em 1975, a Conferência de Segurança e Cooperação da Europa (CSCE), que levou ao surgimento da OSCE (Organização para a Segurança e Cooperação da Europa), a qual liderou regionalmente a organização nos problemas pós-Guerra Fria, mencionou na *Helsinki Final Act*, o turismo como importante meio para alcançar o aumento da cooperação e melhor compreensão internacional.

No mesmo ano de 1975, surge como agência especializada da ONU, a Organização Mundial do Turismo (UNWTO), com a finalidade de “promover o turismo responsável, sustentável e universalmente acessível”. (UNWTO, 2017, tradução nossa).

Conforme apontam Wohlmuther e Wintersteiner (2013), D’Amore (2013), a convenção da Organização Mundial do Turismo sediada em Manila, Filipinas, em 1980, destacou o fato do turismo poder contribuir para o estabelecimento de uma nova ordem econômica mundial e, que também, pode ser uma força vital para a paz mundial. Segundo a Declaração de Manila (1985), “o turismo mundial pode ser uma força vital para a paz mundial e pode fornecer a base moral e intelectual para a compreensão internacional e interdependência”. UNWTO Declaração de Manila (1985 apud D’AMORE, 2013, p. 356, tradução nossa). Segundo D’Amore (2013) foi a primeira vez que o papel do “turismo como força vital para a paz” foi consagrado num documento oficial da UNWTO com 107 delegações de Estado e 91 delegações observadoras.

---

<sup>32</sup> “De 1963 até 2011, a FIYTO proporcionou que mais de 8 milhões de jovens da França e Alemanha participassem em 300.000 programas de intercâmbio. Em média 9.000 intercâmbios por ano (mais de 5.000 programas de intercâmbio em grupos e 4.000 individuais), no qual 195 mil jovens participam. Toda a evidencia (avaliação, pesquisa, estudos) mostram que os programas foram muito exitosos e, junto com outras medidas, ajudaram a criar um novo “clima” entre os dois Estados.” (WOHLMUTHER; WINTERSTEINER, 2013, p. 55, tradução nossa).

Para Wohlmuther e Wintersteiner (2013), o tema turismo e paz voltava novamente a agenda na década de 1980. Em 1987 houve uma conferência em Shannon, Irlanda, cujo tema foi “Turismo – o passaporte para a paz”. No ano seguinte, 1988, na primeira conferência global sobre turismo o tema foi “Turismo – força vital para a paz”, o evento foi sediado em Vancouver, Canadá.

Conforme apresentado por D’Amore (2013), a conferência de Vancouver introduziu o conceito de “Desenvolvimento Sustentável do Turismo” além do novo paradigma “Maior propósito do Turismo” que incluem o papel do turismo em diferentes áreas: (1) promover a compreensão internacional, (2) cooperação entre as nações, (3) proteção do meio-ambiente e preservação da biodiversidade, (4) reforçar culturas e valorizar as heranças, (5) desenvolvimento sustentável, (6) redução da pobreza, e (7) “curar feridas de conflitos”. Segundo D’Amore (2013),

O “maior propósito” do turismo – com a capacidade de gerar benefícios sociais, culturais, econômicos, ambientais e políticos, agora são reconhecidos e ganharam aceitação nos mais altos níveis de governo e indústria juntos, com o imenso potencial como a maior indústria do mundo em contribuição para a “cultura de paz<sup>33</sup>”. (D’AMORE, 2013, p. 359, tradução nossa).

Após a conferência global, a primeira publicação no tema *Peace through Tourism* foi lançada e editada por Louis D’Amore, que fundou o *International Institute for Peace Through Tourism*<sup>34</sup> (IIPT), em 1986. Surgia, portanto, a primeira (de muitas) pesquisas científicas sobre a abordagem da relação entre turismo e paz.

Para D’Amore (2013), o *International Institute for Peace Through Tourism* nascia com a visão da Viagem e Turismo tornando-se a primeira “indústria global da paz” – uma indústria que promove e apoia a crença que todo viajante tem o potencial de ser um “Embaixador da Paz”.

<sup>33</sup> “Cultura de paz é um conjunto de valores, atitudes, modos de comportamento e modo de vida, que rejeita a violência e previne conflitos abordando suas causas na raiz buscando solucionar os problemas através do diálogo e negociação entre indivíduos, grupos e nações.” ONU Resolução A/RES/52/13: Cultura de Paz; A/53/243: Declaração e Programa de Ação na Cultura de Paz (apud WOHLMUTHER; WINTERSTEINER, 2013, p. 51, tradução nossa).

<sup>34</sup> Segundo D’Amore (2013), entre 1986 e 2011, no IIPT, mais de 6 mil pessoas de mais de 130 países compartilharam experiências, ideias, intuições, sabedoria e comprometimento em “Construir uma Cultura de Paz através do Turismo.” Mais de 1200 estudos de caso de “histórias de sucesso” e modelos de “melhores práticas” foram apresentados demonstrando as várias dimensões do “Maior propósito” do Turismo e benefícios sociais, econômicos, culturais, ambientais e políticos advindos dele.

O conceito de “paz” do IIPT, desde o seu início foi um conceito positivo que foi além da noção simplista da ausência de guerra. Ele abrange seis dimensões: paz e tranquilidade com nós mesmos; paz com os outros, desde nossos vizinhos de porta até nossos vizinhos na vila global; cooperação entre as nações; paz com a natureza e nossa casa comum – o planeta Terra; paz com gerações passadas, pelas quais nós honramos nossas respectivas culturas, patrimônio e realizações passadas; paz com gerações futuras, através de práticas de vida sustentáveis; e paz com o Criador, pela prática do princípio universal de todas religiões e humanistas – “faça com os outros como se fizesse para nós mesmos”. (D’Amore, 2013, p. 358, tradução nossa).

De acordo com Wohlmuther e Wintersteiner (2013), no ano de 2000, na Conferência de Amã, Jordânia, teve-se como resultado a “Declaração de Amã sobre Paz a partir do Turismo<sup>35</sup>”, a qual tornou-se um documento oficial da ONU.

Segundo Wohlmuther e Wintersteiner (2013), após altos e baixos, o tema do turismo como agente para a paz, é um campo de pesquisa em desenvolvimento com programas de estudo e publicações de artigos em jornais, revistas e livros. De acordo com os autores, esse tema emergente já incentivou a criação de cursos de especialização em *Peace through Tourism* no *Centre for Peace and Conflict Studies* na Universidade de Sydney, Austrália.

Conforme Wohlmuther e Wintersteiner (2013), outros centros de pesquisa foram criados como o *International Centre for Peace Through Tourism Research* (ICPTR), e também o primeiro jornal online *Journal of Tourism and Peace Research*, fundados, ambos em 2008. Ademais, no ano consecutivo, foi formado o *Peace Tourism International Working Group* (PTIWG), com a finalidade de dar suporte ao projeto *Envisioning Peace Through Tourism* que foca na promoção da segurança humana a partir da cidadania internacional. Para Lynch (2013 apud Wohlmuther e Wintersteiner, 2013, p. 18), o grupo de estudos encorajou o estabelecimento de uma comissão inaugural denominada *Peace Tourism Commission of the International Peace Research Association* (IPRA) no ano de 2010.

---

<sup>35</sup> “A declaração de Amã identificou a paz como pré-requisito para o turismo e indústria de viagem, incluindo todas as formas de crescimento e desenvolvimento humano. A declaração apoia o princípio de que a indústria do turismo seja utilizada para a promoção do diálogo de paz, criando igualdade e reduzindo disparidades no mundo. A Declaração foi incorporada como um documento oficial da ONU.” (WOLHMUTHER, 2013, p. 375, tradução nossa). Para maiores detalhes sobre a Declaração de Amã, acessar: <http://www.iipt.org/globalsummit/ammandeclaration.html>

Os autores Wohlmuther e Wintersteiner (2013) também enfatizam lançamentos recentes das últimas edições dos livros *Peace through Tourism* dos autores Blanchard e Higgins-Desbiolles de 2013, *Tourism and War* dos autores Butler e Suntikul de 2013, e o *Tourism, Progress and Peace* dos autores Moufakkir e Kelly de 2010.

No ano de 2015, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou a resolução A/C.2/70/L.5/Rev.1, a qual declarou o ano de 2017 como sendo o Ano Internacional do Turismo Sustentável para o Desenvolvimento. A resolução A/C.2/70/L.5/Rev.1 de 2015, reconhece

a importância do turismo internacional, e particularmente a designação do ano internacional do turismo sustentável para o desenvolvimento, em *promover melhor entendimento entre as pessoas* em todos os lugares, em liderar com maior consciência da riqueza da herança de várias civilizações e trazer uma melhor apreciação dos valores inerentes as diferentes culturas, contribuindo assim para o *fortalecimento da paz mundial*. (ONU, A/C.2/70/L.5/Rev.1, 2015, p. 3, tradução nossa, grifo nosso).

De acordo com Wohlmuther e Wintersteiner (2013), o crescente interesse nas questões relacionadas à temática do turismo e paz, é uma reação as mudanças sofridas pelo próprio turismo, pois o turismo moderno pode ser visto como consequência dos diferentes estágios da globalização.

Segundo McLuhan (apud WOHLMUTHER; WINTERSTEINER, 2013, p. 19, tradução nossa), “o mundo tornou-se uma “vila global”, no qual o turismo desempenha um crescente e importante papel”. Para Rojek e Urry (1997 apud WOHLMUTHER; WINTERSTEINER, 2013) o turismo se tornou evidente como um complexo conjunto de discursos e práticas sociais. Conforme apontam Wohlmuther e Wintersteiner (2013),

Nós precisamos ter o entendimento do complexo do turismo e do complexo da paz quando se trata de discutir o impacto que o turismo pode ter nos processos de paz. Nós precisamos estudar o turismo num contexto mais amplo da mobilidade humana enquanto desenvolvemos um conceito de paz que vai além da dimensão política ou da paz negativa (ausência de guerra). (WOHLMUTHER; WINTERSTEINER, 2013, p. 19, tradução nossa).



É evidente que o turismo no século XXI provoca uma ampla mobilidade urbana no mundo. O contato entre pessoas de diferentes culturas, de diferentes países proporcionados por essa mobilidade e que ocorrem diariamente levaram pesquisadores a desenvolver a hipótese ou teoria do contato.

No início da pesquisa sobre a relação entre turismo e paz, Wohlmuther e Wintersteiner (2013) afirmam ser uma pesquisa baseada na hipótese ou teoria do contato. De acordo com Tomljenović (2010),

Uma das chaves da abordagem liberal para a criação e estabilidade da paz, é a noção da hipótese do contato. A hipótese do contato, sustenta que o contato entre as pessoas, em certas condições, levará a uma atmosfera amigável e cooperativa, na qual os indivíduos possam trabalhar juntos. Tomljenović (2010 apud WEBSTER; IVANOV, 2013, p. 170, tradução nossa).

Para Webster e Ivanov (2013), a teoria do contato afirma que quando pessoas são expostas umas às outras e cooperam, entendimento mútuo e cooperação emergem<sup>36</sup>. De acordo com Webster e Ivanov (2013), teóricos liberais entendem o turismo como algo positivo, pois ele tem força econômica que cria riquezas e empregos. Além disso, o turismo proporciona os encontros sociais que aproximam as pessoas e, o resultado seria de trocas econômicas e sociais que favoreceriam uma relação pacífica entre elas.

Assim como a hipótese do contato, e a visão dos liberais sobre o turismo, o Código Global de Ética no Turismo de 1999 também ressalta esses encontros sociais produzidos pelo turismo para a compreensão do outro e para a construção da paz. De acordo com o código,

a partir dos contatos diretos, espontâneos e não-mediados que são feitos entre homens e mulheres de diferentes culturas e estilos de vida, o turismo apresenta uma força vital para a paz e um fator de amizade e entendimento entre as pessoas do mundo. Código Global de Ética no Turismo (1999 apud WOHLMUTHER; WINTERSTEINER, 2013, p. 54, tradução nossa).

---

<sup>36</sup> Existem alguns trabalhos que analisam a forma de aumentar a paz, estabilidade política e entendimento mútuo. Nesse sentido consultar: Pizam; Jafari e Milman (1991); Pizam, Uriely e Reichel (2000); Kim, Prideaux e Prideaux (2007); e Maoz (2010).

É notável um viés liberal na teoria do contato conceituado pelo Código Global de Ética de 1999, ao afirmar que a partir desse encontro amizade e entendimento mútuo são gerados, pois como descreve Pecequilo (2010, p.139), “os homens são naturalmente “bons””, o que corrobora essa visão.

#### 4.2 PEACE-SENSITIVE TOURISM

Para Wohlmuther e Wintersteiner (2013), os encontros entre pessoas ordinárias pelo mundo é a “matéria-prima” para o que os autores chamarão de *Peace-sensitive tourism*, ao invés de se referirem ao turismo como um “instrumento para a paz”. Segundo os autores,

*Peace-sensitive tourism* – tanto da parte do fornecedor como do consumidor – é concebida, não como uma estratégia de paz isolada, mas como parte de uma gigante transformação histórico-social em direção à cultura de paz. *Peace-sensitive tourism* está ciente do poder econômico e social, e, portanto, da sua responsabilidade social. Ela visa contribuir – dentro dos limites das oportunidades, mas ciente do poder das alianças – na democratização da sociedade, das relações internacionais e do sistema mundial. Democracia (entendida não somente da perspectiva ocidental), como uma instituição permanente de resolução de conflitos não-violenta, a qual é um caminho para a paz (WOLHMUTHER; WINTERSTEINER, 2013, p. 20, tradução nossa).

*Peace-sensitive tourism* foi o conceito que os autores Wohlmuther e Wintersteiner (2013) desenvolveram como forma de tentar explicar a questão interdisciplinar de “como o turismo pode contribuir para a paz no sistema internacional?”. Para tal, os autores examinam um conjunto de termos e definições em relação ao turismo de um lado e paz do outro.

A definição de turismo, segundo a Organização Mundial do Turismo (1991) é “as atividades de pessoas em viagem fora do seu ambiente usual, por não mais de um ano consecutivo para lazer, negócios ou outros propósitos.” UNTWO (1991 apud WOLHMUTHER; WINTERSTEINER, 2013, p. 32, tradução nossa). Todavia, para Wohlmuther e Wintersteiner (2013), essa definição não reflete a abrangência do turismo no impacto social e ambiental, nem na dimensão cultural, nem no contexto dos direitos humanos, justiça e cidadania internacional.

Na definição de turismo, segundo Oscar de la Torre (1992), podemos notar uma abrangência maior ao definir o turismo como

um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural. De la Torre (1992 apud BARRETTO, 1995, p. 13).

O deslocamento voluntário de pessoas ocorre, conforme aponta Kaspar (1991 apud WOHLMUTHER; WINTERSTEINER, 2013), por seis fatores principais: (1) turismo de lazer (recreação); (2) turismo de cultura orientada (turismo alternativo, turismo educacional); (3) turismo socialmente orientado (parentes, etc.); (4) turismo esportivo; (5) turismo de economia orientada (viagens de negócios, feiras, etc.); (6) turismo de política orientada (conferências, eventos políticos). No entanto, é muito comum que haja uma mistura dos fatores motivantes.

Para Wohlmuther e Wintersteiner (2013), no contexto da *Peace-sensitive tourism*, alguns fatores são mais relevantes do que outros, pois promovem maiores oportunidades para encontros interculturais, do que apenas o turismo de lazer. O turismo alternativo, responsável e sustentável têm um importante papel no que se refere a *Peace-sensitive tourism*. Para os autores, quando a população local é envolvida nos diferentes estágios do processo turístico, os impactos negativos são minimizados. Portanto, a democracia aparece como peça fundamental no turismo responsável, e também na *Peace-sensitive tourism*.

De acordo com MacLeod (2005), o conceito de turismo alternativo surgiu na Conferência Internacional de Manila, num momento que se buscavam respostas a preocupação crescente sobre o desenvolvimento do turismo. Para Wohlmuther e Wintersteiner (2013), o turismo alternativo promoveria um turismo mais justo com as culturas locais, com as tradições daquele povo, de sua religião e proporcionaria uma divisão mais equilibrada dos ganhos econômicos advindos do turismo.

O turismo responsável, segundo Husband e Harrison (1996 apud ISAAC, 2013), é uma forma de fazer o turismo planejado, dessa maneira, assegura que os

benefícios advindos do turismo sejam otimamente distribuídos entre as populações impactadas, governos e investidores.

O turismo responsável teve seus objetivos identificados na Declaração da Cidade do Cabo em 2002. Segundo a Declaração de 2002, as finalidades do turismo responsável são:

minimizar os impactos econômicos, ambientais, sociais e maximizar os positivos [...], engajar a população local juntamente com as partes interessadas em decisões que afetam suas vidas [...], deixando contribuições positivas na conservação natural e herança cultural [...], e prover experiências agradáveis para os turistas através de conexões mais significativas com a população local. Declaração da Cidade do Cabo (2002 apud ISAAC, 2013, p. 88, tradução nossa).

Para Isaac (2013), esses objetivos suportam os princípios gerais do turismo sustentável, o qual mostra que o turismo responsável não quer reinventar a sustentabilidade, mas promover suas implementações incondicionais. “Focando na qualidade de vida dos visitantes e da população local, o principal objetivo do turismo responsável é criar melhores lugares para as pessoas viverem e visitarem.” (ISAAC, 2013, p. 89, tradução nossa).

A abordagem do turismo sustentável, segundo Wohlmuther e Wintersteiner (2013), foi primeiramente introduzida na Primeira Conferência Global do Turismo – Uma Força Vital para a Paz, sediado em Vancouver. Apesar de haver muitas publicações delineando a definição, os princípios guias e indicadores do turismo sustentável (UNWTO, 2001, 2002, 2004), Wohlmuther e Wintersteiner (2013), concordam não haver uma definição satisfatória disponível.

A literatura sugere que uma diferenciação ampla pode ser feita entre “turismo sustentável”, no qual a ênfase é colocada no cliente e nas considerações do marketing turístico para sustentar o setor turístico; e usar o turismo como um veículo para alcançar o “desenvolvimento sustentável”, no qual a ênfase é colocada em desenvolver o turismo de modo a alcançar objetivos sociais e ambientais mais amplos. Holden (2000 apud WOLHMUTHER; WINTERSTEINER, 2013, p. 34, tradução nossa).

De acordo com Wohlmuther e Wintersteiner (2013), no discurso sobre sustentabilidade, há uma variedade de princípios guias desenvolvidos por órgãos

relacionados ao turismo. Alguns deles são direcionados para a relação entre turismo e meio-ambiente, atividades turísticas e comunidade local e do reconhecimento do turismo como um mecanismo para a sustentabilidade.

Para Wohlmuther e Wintersteiner (2013), as três formas de turismo, alternativo, responsável e sustentável têm elementos interligados que são: o respeito para com os ambientes naturais e humanos e o tratamento com responsabilidade deles. Esses elementos são fundamentais para a construção da paz, portanto, as três formas de turismo são incluídas no conceito da *Peace-sensitive tourism*.

Além disso, Wohlmuther e Wintersteiner (2013) destacam também o turismo social, do qual deve haver uma estratégia inclusiva entre as partes interessadas, incluindo agentes de turismo e turistas, colocando as determinantes locais em discussão de maneira participatória e sustentável.

Wohlmuther e Wintersteiner (2013) afirmam que as abordagens do turismo alternativo, responsável e sustentável mostram algumas deficiências do turismo. No entanto, é necessário abordar a dimensão cultural do turismo, não do turismo cultural, mas do turismo como cultura, pois ele será pré-requisito para entender as outras dimensões<sup>37</sup> das quais o turismo está inserido.

A dimensão cultural do turismo, é algo que dá significado para nossas viagens. Dessa maneira, não viajamos somente para conhecer outras culturas ou povos, mas também para aprender mais sobre nós mesmos e achar nossa própria posição no mundo. (WOLHMUTHER; WINTERSTEINER, 2013, p. 37, tradução nossa).

Para Wohlmuther e Wintersteiner (2013), do contato entre diferentes povos de diferentes culturas surgiria uma “identidade de análise” do outro, e que teria efeitos mais positivos na hipótese do contato, dependendo do tipo de turismo que se realiza, pois, alguns tipos de turismo são mais prováveis de se extraírem e reconhecerem os aspectos positivos do outro, o contato das pessoas de “mente-aberta”.

Adentrando ainda mais na temática do turismo, Wohlmuther e Wintersteiner (2013) também destacam o turismo e viagens, a guerra e a hospitalidade.

---

<sup>37</sup> As outras dimensões do turismo estão apresentadas na seção 4.3 “Entendendo a relação turismo e paz”.

Sobre a história do turismo relacionado as viagens, os autores Wohlmuther e Wintersteiner (2013) destacam, que o turismo é muito antigo, com menções nos períodos da Grécia Antiga e no Império Romano. Mas, foi no começo do século XX, quando houve a introdução das férias remuneradas, dentre outros fatores, que o turismo em massa começou a crescer. Após a Segunda Guerra Mundial, a globalização levou o turismo ao nível mundial, do qual grande parte das populações do Norte (ricas) viajavam para o Hemisfério Sul. De acordo com Wohlmuther e Wintersteiner (2013),

Recentemente, uma nova troca tornou-se mais aparente: em muitos países emergentes, como China e outros asiáticos, ou latino-americanos, mais e mais pessoas podem viajar para o exterior. Isso cria um cenário ainda mais colorido nas relações turísticas (WOHLMUTHER, WINTERSTEINER, 2013, p. 38, tradução nossa).

Para Wohlmuther e Wintersteiner (2013), em oposição ao turismo, viajar não é só um traço humano antigo, mas uma maneira humana de ser. Desde a evolução, os nômades não mais se fixavam em um lugar específico. Segundo os autores, havia o interesse de conquista e ocupação de outros territórios nas viagens. Viajar tinha além do objetivo da conquista, a finalidade de impor a religião, a ideologia dos exércitos conquistadores a outros povos. A guerra, portanto, era a principal razão das viagens, tais exemplos são vistos nas Campanhas de Alexandre, o Grande, nas Cruzadas, nas conquistas napoleônicas, dentro outras.

Conforme apontado por Wohlmuther e Wintersteiner (2013), historicamente os encontros interculturais eram frequentemente consequência das guerras e da colonização, portanto, produziam encontros entre diferentes povos de forma desigual.

Visto em Gotman; Montandon (2001 apud WOHLMUTHER; WINTERSTEINER 2013), por outro lado, o ser humano conseguiu desenvolver maneiras pacíficas de lidar com o “outro” especialmente pelo conceito de hospitalidade. Ela é considerada como uma das mais importantes instituições políticas e sociais, conhecida desde o alvorecer da civilização e não menos relevante hoje, Khayutina (2004).

Segundo Wohlmuther e Wintersteiner (2013), “uma discussão do próprio significado de hospitalidade, num mundo moderno e globalizado, pode nos oferecer a primeira abordagem sobre a conexão turismo e paz”. (WOLHMUTHER; WINTERSTEINER, 2013, p. 41, tradução nossa).

Autores liberais como Doyle e Kant, já abordavam a questão da hospitalidade como um direito dos indivíduos de não serem tratados com hostilidade fora das fronteiras domésticas. Dessa forma, criar-se-ia um cenário de harmonia, um ambiente no qual pudessem ser intercambiadas ideias e que fomentasse a construção de interesses comuns entre as pessoas.

Em uma primeira abordagem entre turismo e paz, Wohlmuther e Wintersteiner (2013), comparam o turismo com as migrações e reforçam o “status” de cidadania global. Tanto o turismo, como a migração são formas crescentes de viagens. A migração é a parte “negativa” do turismo. Enquanto turistas viajam muitas vezes por lazer, os migrantes buscam melhores condições de vida, ou até mesmo viajam buscando sobrevivência.

Segundo Wohlmuther e Wintersteiner (2013), quando migrantes conseguem chegar em seus destinos, para eles a ideia de hospitalidade não existe. As mesmas pessoas, admiradas, ou pelo menos consideradas em seus países de origem, são desdenhadas ou até perseguidas, quando elas desembarcam nos países dos quais os turistas partiram. Para Mazumdar (2011) “o movimento de turistas e o movimento de migrantes são mundos separados; eles não se contatam, eles não “veem” um ao outro.” Mazumdar (2011 apud WOHLMUTHER; WINTERSTEINER, 2013, p. 41, tradução nossa).

Desse modo, Wohlmuther e Wintersteiner (2013) argumentam que a hospitalidade não deve ser limitada a um costume cultural, mas ao invés disso, deve adquirir um “status” legal. Para que seja feita a diferença, o filósofo liberal, Kant, em seu Terceiro Artigo Definitivo para a Paz Perpétua, propôs o Direito Cosmopolita, o direito a hospitalidade, à cidadania global.

Conforme Rademacher (2010), “o Direito à cidadania global, que inclui o direito a hospitalidade, é um pilar para a construção de uma ordem pacífica mundial. Cidadania global é a ponte entre os direitos humanos e o sistema de Estado”.

Rademacher (2010 apud WOLHMUTHER; WINTERSTEINER, 2013, p. 42, tradução nossa).

Hoje em dia, em tempos de globalização, a ideia de cidadania global e o direito a hospitalidade está se tornando ainda mais importante. Se turismo tem uma missão na paz mundial, então é espalhar a ideia de (e promover imagens estimulantes) cidadania global: a beleza do planeta como um todo, a diversidade da cultura e civilização humana, a necessidade de lidar com nossas diferenças de forma política e não violenta, agindo assim, como cidadãos globais. O turismo contribui efetivamente para a paz, se, e, quando ajudam os turistas, assim como os anfitriões, a aprenderem que juntos nós podemos tornar o mundo um lugar melhor para os seres humanos [...] o turismo para o propósito da paz deve ser embutido no sistema cultural como um todo e ter estratégias educacionais favoráveis à paz (WOHLMUTHER; WINTERSTEINER, 2013, p. 42, tradução nossa).

A ideia e o caminho a ser percorrido à cidadania global podem ser promovidos pela *Peace-sensitive tourism* conforme apontam os autores Wohlmuther e Wintersteiner (2013).

#### 4.3 ENTENDENDO A RELAÇÃO TURISMO E PAZ

De acordo com Wohlmuther e Wintersteiner (2013), no começo da pesquisa sobre a correlação entre turismo e paz, foi limitada a teoria ou hipótese do contato. Com o tempo, aspectos adicionais foram integrados a hipótese, entretanto sem a devida atenção da academia. Segundo Kelly (2012 apud WOHLMUTHER; WINTERSTEINER, 2013), são quatro os aspectos que foram adicionados: (1) os contatos intergrupos; (2) as preocupações éticas (respeito ao meio-ambiente e direitos humanos); (3) o impacto positivo do turismo em elementos negativos da globalização (erradicação da pobreza); (4) o aumento da consciência entre consumidores e fornecedores pelo código de conduta, parques de paz e educação turística.

Para Wohlmuther e Wintersteiner (2013), as diferentes formas de turismo contribuíram na construção do conceito da *Peace-sensitive tourism* que não poderia ser separada do turismo alternativo, responsável e sustentável, pois muitos dos seus elementos constitutivos têm efeitos de construção da paz.



Na maior parte do tempo, o turismo foi visto como um mostruário importante da sua força econômica, uma ferramenta que pode contribuir na superação de crises econômicas, erradicação da pobreza e criação de empregos, ao invés de ser visto como uma ferramenta na construção da paz dentro e entre as nações (WOHLMUTHER; WINTERSTEINER, 2013, p. 43, tradução nossa).

Todavia, pesquisas e estudos de caso mais recentes começaram a abordar a relação do turismo com a manutenção da paz, demonstrando ser exitosa tal conexão como mostra o estudo de caso da Irlanda<sup>38</sup>.

Segundo Webster e Ivanov (2013), a ilha que é dividida entre a República da Irlanda e o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, foi cenário de terrorismo e violência política por duas décadas e meia, no período que se estende entre 1969-1993. Após o cessar-fogo do IRA em 1994, e do Acordo de Belfast<sup>39</sup>, ou *Good Friday Agreement* em 1998, foram determinantes que trouxeram esperança para a paz materializada na Irlanda.

De acordo com Webster e Ivanov (2013), como resultado do Acordo de Belfast, foi criado o Conselho Ministerial Sul-Norte, cujo objetivo era desenvolver consultas, cooperação (o qual se insere o setor turístico) e ações na ilha como um todo. No ano de 2002, na estrutura do Acordo de Belfast, o *Tourism Ireland Ltd* foi formado sendo uma instituição transfronteiriça responsável pelo “marketing” da Irlanda como um destino turístico. Desde então, os benefícios econômicos advindos do turismo na Irlanda e Irlanda do Norte, ajudaram a diminuir os obstáculos políticos e burocráticos entre essas duas nações favorecendo a cooperação internacional.

Para Webster e Ivanov (2013), no caso da Irlanda, a indústria do turismo foi beneficiada pelo processo de paz, que ocorreu durante a década de 1990. A diminuição da tensão política e da violência motivadas politicamente entre as nações, criou um ambiente pacífico que contribuiu para o aumento do número de turistas nos dois países. A cooperação transfronteiriça entre a Irlanda e Irlanda do Norte no setor turístico contribuiu para reforçar o processo de paz.

---

<sup>38</sup> Para um estudo mais aprofundado consultar Greer (2002), McCall e O’Dowd (2008), Tannam (2006).

<sup>39</sup> O Acordo de Belfast teve por finalidade acabar com os conflitos que envolvem nacionalistas e unionistas. Para isso, instituições foram criadas e cooperação foi desenvolvida entre a República da Irlanda e o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte.

Desse modo, conclui-se que no caso da Irlanda e Irlanda do Norte, o turismo (indivíduos) somado as instituições como atores das relações internacionais criaram uma rede de cooperação que culminou no fortalecimento do processo de paz. E sobre os processos de paz, Wohlmuther e Wintersteiner (2013) identificaram quatro diferentes dimensões que são partes integrais desses processos: (1) Dimensão Educacional; (2) Dimensão Econômica; (3) Dimensão Ambiental; (4) Dimensão de Resolução de Conflitos e Reconciliação.

A dimensão educacional, segundo Wohlmuther e Wintersteiner (2013), aborda a hipótese do contato e a atitude que o turista deve ter enquanto está exercendo seu papel. Tal atitude deve minimizar os efeitos negativos que podem acontecer entre o contato de grupos diferentes.

Para Etter, Alport (2007, 1954 apud WOHLMUTHER; WINTERSTEINER, 2013) os efeitos negativos podem ser minimizados pelo “status” igualitário entre os grupos. O papel das instituições, nesse sentido, é fundamental para propiciar um ambiente de regras, leis, costumes e atmosfera local que promovam igualdade e fomentem a construção de objetivos comuns entre os indivíduos. Daniel Etter (2007 apud WOLHMUTHER; WINTERSTEINER, 2013) conclui que a condição mais pertinente para a mudança de atitude positiva é ter e compartilhar objetivos comuns.

Para Kelly (2006 apud WOHLMUTHER; WINTERSTEINER, 2013), o viajante deve ter uma predisposição de atitude positiva, aprender sobre o outro é essencial na sua preparação e a comunicação no destino é imprescindível.

A dimensão econômica do turismo, de acordo com Wohlmuther e Wintersteiner (2013), se deve ao fato de que o turismo, assim como qualquer setor com força econômica pode colocar pressão nas autoridades para (re)criar as condições de paz necessárias para os negócios.

Salientar o potencial econômico do turismo para a paz nos leva a responsabilidade turística no engajamento com a paz. Pelas oportunidades de criação de emprego e renda, o turismo pode empoderar populações locais, independentemente de se tratar de regiões pobres, contextos de pós-conflito ou no mundo “desenvolvido”. Através do empoderamento econômico, a redução do impacto da violência pode ser alcançada numa situação que de outra forma poderia levar a um surto de conflitos e violência (WOHLMUTHER; WINTERSTEINER, 2013, p. 47, tradução nossa).

Na dimensão ambiental, a degradação do meio-ambiente sempre foi um ponto de discussão no turismo. As consequências causadas no ambiente, desde poluição, barulho, uso de recursos naturais em abundância, levaram o ambiente a ser causa de alguns conflitos, segundo Wohlmuther e Wintersteiner (2013). De acordo com Holden (2000), “a fim de reduzir essas consequências, códigos de conduta e práticas sustentáveis foram desenvolvidas. Esses esforços têm como objetivo proteger o ambiente natural de mais formas de degradação do comportamento humano.” Holden (2000 apud WOHLMUTHER; WINTERSTEINER, 2013, p. 48, tradução nossa).

Conforme apontado por Whyte (2013 apud WOLHMUTHER; WINTERSTEINER, 2013), os anfitriões devem estar envolvidos em todas as etapas de planejamento e implementação do turismo, onde o poder deve ser compartilhado e os participantes possam trabalhar juntos em prol da promoção da paz como um processo de reconhecimento das pessoas dos diferentes tipos de patrimônios e experiências.

A dimensão do turismo como resolução de conflitos começa com o argumento de que o turismo não existe sem segurança e estabilidade, assim o turismo durante os tempos de guerra não existe, conforme afirmam Wohlmuther e Wintersteiner (2013). “Enquanto o turismo é muito vulnerável a conflitos criados pelo homem ou naturais, ele é ao mesmo tempo resiliente e consegue se recuperar quando o conflito termina.” (WOHLMUTHER; WINTERSTEINER, 2013, p. 49, tradução nossa).

Um exemplo é o da Bósnia-Herzegovina, como aponta Causevic (2010 apud WOHLMUTHER; WINTERSTEINER, 2013), onde bósnios, croatas e sérvios se uniram em prol da produção de uma estratégia de “marketing” para promover a região. As diferentes nacionalidades, portanto, colocaram um objetivo comum à sua frente, visando fortalecer a região.

Sobre turismo e reconciliação, temos como exemplo a Austrália onde desde 2001 é desenvolvido através da *Reconciliation Australia*<sup>40</sup>, um plano de reconciliação

---

<sup>40</sup> “A Reconciliação Austrália é uma organização independente, sem fins lucrativos que promove a reconciliação entre a comunidade de Aborígenes e os povos do Ilhas do Estreito de Torres com os australianos. Sua finalidade é construir uma Austrália que seja reconciliada, justa e equitativa para todos. Para isso, a organização se dedica a construir relacionamentos, respeito e confiança entre Aborígenes e povos do Ilhas do Estreito de Torres com os outros australianos.” (RECONCILIATION AUSTRALIA, 2016, tradução nossa).

entre os Aborígenes e os habitantes da ilha do Estreito de Torres com a comunidade exterior da Austrália.

Segundo a *Reconciliation Australia* (2016), o Plano de Reconciliação Austrália envolve 5 dimensões diferentes de reconciliação: (1) Relações Raciais: os australianos entendem o valor da cultura Aborígene, da Ilha do Estreito de Torres e das culturas não-indígenas, direitos e experiências, que resultam em relações mais fortes baseadas no respeito e confiança, livres de racismo; (2) Igualdade e Equidade: Aborígenes e o povoado da Ilha do Estreito de Torres participam de uma variedade de oportunidades de vida e os direitos únicos dos Aborígenes e do povoado da ilha são reconhecidos e encorajados; (3) Unidade: a sociedade australiana valoriza e reconhece orgulhosamente a cultura e herança Aborígene e do povoado da Ilha do Estreito de Torres no compartilhamento da identidade nacional; (4) Integração Institucional: tem o suporte ativo da reconciliação das estruturas nacionais políticas, de negócios e comunitárias; (5) Aceitação Histórica: os australianos admitem os erros do passado e os impactos causados por eles, a Austrália repara os erros do passado e garante que nunca mais se repetirão.

Apesar dos esforços de reconciliação, Kelly e Nkabahona (2010 apud WOLHMUTHER; WINTERSTEINER, 2013) argumentam que o turismo tem um papel importante na habilidade de conectar as pessoas, todavia ele é um fator pouco relevante na reconciliação de povos, que pode ser melhor desenvolvido através da diplomacia. Contrapondo essa visão, D'Amore (2013) argumenta que a “diplomacia civil” é um conhecimento a ser usado, contestando o monopólio de políticos e diplomatas de lidarem com conflitos internacionais.

Por fim, o entendimento de *Peace-sensitive tourism* na visão dos autores Wohlmuther e Wintersteiner (2013), é de que

---

Qualquer iniciativa *Peace-sensitive tourism* deve começar não apenas com uma crítica a situação dada e os efeitos negativos do turismo nas questões econômicas, sociais, ecológicas e culturais, mas também com uma crítica a negação de conflitos existentes entre diferentes grupos de interesse. Igualmente, ela deve denunciar a hipocrisia de uma “nova fala” do turismo, usando a linguagem do turismo alternativo ou responsável ou a retórica de paz sem qualquer mudança substancial. [...], qualquer crítica deve ser liderada com a ênfase do potencial do turismo em contribuir com a paz. Para fora desse potencial cresce a responsabilidade. E é essa

responsabilidade que a *Peace-sensitive tourism* deve exaltar como sua base fundamental (WOHLMUTHER; WINTERSTEINER, 2013, P. 50, tradução nossa).

Para Wohlmuther e Wintersteiner (2013), nos termos da *Peace-sensitive tourism*, portanto, os turistas devem estar conscientes da sua responsabilidade como cidadãos globais em contribuir para a cultura de paz no mundo.

Todavia, o desenvolvimento do turismo sem ser um *Peace-sensitive tourism*, de nada, ou pouco adianta no fomento da cultura de paz. Os turistas devem entender a responsabilidade que levam consigo em serem éticos, terem valores morais e respeito pelo próximo, pela cultura, pelo ambiente, pelas tradições dos diferentes povoados que colore a Terra. Nesse sentido, nós, turistas, devemos entender que somos cidadãos globais, e, que podemos transformar o sistema político em um mais pacífico, pela restrição da lei dos governantes, pela lei do Direito e pela democratização das relações internacionais.

Para responder o problema de pesquisa, foram investigados os fundamentos da teoria liberal que afirmam que o homem é bom por natureza, age racionalmente e busca a cooperação para o progresso da sociedade. Além disso, a teoria liberal almeja a paz no sistema internacional, porque é nela o cenário no qual as liberdades individuais são preservadas, e o cenário onde há o desenvolvimento das capacidades humanas. Na teoria liberal o Estado (democrático) surge para administrar as relações humanas; para assegurar que os indivíduos possam alcançar seu progresso individual.

A partir da análise da *Peace-sensitive tourism* é possível afirmar que o turismo e a paz devem ser pensados nas dimensões que compõem essa relação: cultural, econômica, educacional, ambiental e de resolução de conflitos e reconciliação. E, essas dimensões engrandecem o turismo para além das viagens de lazer, elas englobam o turismo em seu “maior propósito”, que é promover a compreensão internacional, a cooperação entre as nações, a proteção do meio-ambiente e preservação da biodiversidade, a valorização das culturas e heranças dos povos, o desenvolvimento sustentável, a redução da pobreza, e também a de “cicatrização” as feridas deixadas por conflitos. Portanto, sob a ótica da teoria liberal das relações internacionais, o turismo pode contribuir com a paz no sistema internacional, pois dentre seus atores, os indivíduos racionais podem cumprir o

“maior propósito” do turismo, que além das instituições, têm o poder de cooperar e de fomentar o progresso.

Assim como sugerem os autores Cordula Wohlmuther e Werner Wintersteiner, o turismo deve ser desenvolvido sobre suas três formas que favorecem essa contribuição para a cultura de paz: o turismo alternativo, responsável e sustentável. Nesse sentido, o turismo pode contribuir com a paz no sistema internacional quando houver respeito para com os ambientes naturais e humanos e, o tratamento com responsabilidade deles.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que as Relações Internacionais e o Turismo são separados por uma linha tênue no percurso histórico, mas que nas últimas décadas as novas questões e desafios lançados pela globalização têm unido essas duas áreas do conhecimento e, como forma de procurar respostas e dar soluções a essas questões surgem os estudos interdisciplinares.

O aumento no número de chegadas internacionais ao redor do mundo, sinalizou o turismo como um fenômeno internacional de grande escala, pois além do seu poder econômico e social, também pode ser visto recentemente como um agente que promove a cooperação, além de contribuir com a promoção e manutenção da paz no sistema internacional. Assim, o turismo conecta-se as relações internacionais e torna-se seu objeto de estudo.

O conjunto triplo de fundamentos da Teoria Liberal, o Livre-Comércio entre as Nações, a Democracia como forma de governo e as Instituições abarcam o primeiro objetivo específico, que apresenta a Teoria liberal e seus fundamentos que visam um sistema internacional menos conflituoso e mais cooperativo. Ademais, é visto que o neoliberalismo adicionou a Interdependência Complexa nessa análise, pois além dos Estados, há uma diversidade de atores que contribuem para a cooperação internacional, e o uso da força contra nações onde a interdependência complexa é sinalizada, certamente é irracional.

O segundo objetivo específico se refere ao entendimento do que é a interdisciplinaridade. Para alcançar esse objetivo, foi realizado uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto, desde a etimologia da palavra, história, definições, tipos e processo de pesquisa interdisciplinar. Com essa compreensão, foi possível entender porque surge uma relação entre turismo e relações internacionais e estudos específicos entre turismo e paz entre as nações.

O segundo objetivo específico também se refere as influências que as relações internacionais têm no turismo. O Quadro 3 retrata essa influência e corrobora a diversidade de atores com a qual desenvolve-se a teoria liberal das relações internacionais. A partir da análise dessa relação, e sob a ótica da teoria liberal é possível considerar o turismo como objeto de estudo das Relações

Internacionais, pois ela considera que além dos Estados, há uma variedade de outros atores a qual os indivíduos se inserem.

A assimilação do conceito da *Peace-sensitive tourism*, na questão interdisciplinar de como o turismo pode contribuir para a paz no sistema internacional é o terceiro e último objetivo específico. Para alcançar esse entendimento, foi analisada a trajetória histórica sobre a relação entre turismo e paz, e compreendido como essa relação foi desenvolvida no percurso histórico desde a criação de organizações como a FIYTO, a Conferências Internacionais que geraram diversas Declarações sobre o tema, além da criação de múltiplos centros de pesquisa como o IIPT, e, também, da criação de cursos de especialização em Universidades.

Por fim, para assimilar como o turismo pode contribuir para a paz no sistema internacional, foi buscado o entendimento do conceito da *Peace-sensitive tourism*, cuja pesquisa é uma mistura da interdisciplinaridade instrumental que visa dar respostas a problemas do mundo real e interdisciplinaridade conceitual, pois enfatiza a integração do conhecimento por envolver mais de uma disciplina na questão que se busca compreender.

A indústria do turismo tem um papel importante no estabelecimento e manutenção da paz e da sustentabilidade como princípio guia das atividades econômicas e desenvolvimento. O turismo gera receita e meios para cuidar do nosso planeta, além de energia para sua conservação. Ele pode gerar processos de planejamento e gerenciamento de nossos escassos recursos. Além disso, o turismo contribui para a redistribuição de riqueza e renda, promovendo oportunidades para melhorar a qualidade de vida dos indivíduos, um propósito liberal.

Nesse sentido, como o turismo pode ser ainda mais desenvolvido mundialmente, e como ele pode ser promovido em seu “maior propósito”?

Os Estados, que regem as relações humanas, devem prezar pelo bem-estar das populações locais estimulando sua participação nas decisões, valorizando a cultura e herança locais, promovendo o turismo sustentável, alternativo e responsável. Também podem facilitar a entrada e saída do turismo internacional ao conceder liberdades individuais ao tráfego humano, que em seu “maior propósito”



promoverá a compreensão e respeito entre os diferentes povos, fomentando a cooperação e a cultura de paz.

Os governos podem ajudar a partir da redução dos custos do visto, da facilidade em obtê-lo, ou até mesmo em liberar a sua exigência. Ademais, podem promover melhores estruturas de acesso as atrações turísticas, e diminuir impostos e taxas sobre aeroportos, rodovias e portos.

As instituições (organizações internacionais, organizações não-governamentais) estreitam os laços entre os Estados e indivíduos, portanto, podem auxiliar a população, mediar diálogos, cobrar demandas e criar projetos que incentivem as práticas do turismo alternativo, responsável e sustentável, as quais engajam a população local nas atividades que as afetam. Assim, há uma maior justiça social e econômica, pois, há a responsabilidade e respeito dos turistas para com os ambientes naturais, as culturas e a diversidade que colore a Terra, além dos ganhos serem mais otimamente distribuídos entre os envolvidos nas atividades turísticas.

Desse modo, pelas lentes liberais o turismo pode contribuir com a paz quando houver descentralização do poder estatal. É fundamental uma democratização do poder para que se possa limitá-lo, papel que é atribuído as Instituições, as Forças Transnacionais (ONG's, Multinacionais, Grupos diversos da sociedade civil, opinião pública) e aos Indivíduos. Esses atores possuem influência política no sistema internacional, o que possibilita a limitação do poder estatal.

Portanto, os indivíduos engajados com o turismo conceituado pela *Peace-sensitive tourism* cientes do seu papel como embaixadores da paz, que desenvolvem o turismo alternativo, responsável e sustentável, reproduzem o turismo em seu "maior propósito". A partir dessa iniciativa individual de turismo cria-se um ambiente propício para a cooperação e pacificidade no sistema internacional.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

AIUB, Monica. Interdisciplinaridade: da origem à atualidade. In: I FÓRUM DE REABILITAÇÃO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO, 1., 2006, São Paulo. **Palestra**. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2006. p. 1 - 18. Disponível em: <<http://institutointersecao.com.br/artigos/Monica/interdisciplinaridade.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2017.

ANBA. **Egito tem queda de 42% em número de turistas**. 2016. Disponível em: <<http://www.anba.com.br/noticia/21872464/turismo/egito-tem-queda-de-42-em-numero-de-turistas/>>. Acesso em: 23 out. 2017.

BARRETTO, Margarita. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. 10. ed. Campinas: Papirus, 1995. 164 p.

BARRETTO, Margarita; BURGOS, Raúl; FRENKEL, David. **Turismo, Políticas Públicas e Relações Internacionais**. Campinas: Papirus, 2003.

BERLIN, Isaiah. **Two Concepts of Liberty**. Oxford: Oxford University Press, 1969.

BRASIL. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior.

*Instrumento de avaliação de cursos de graduação presencial e a distância*. Brasília, maio 2012.

CASTELLI, Geraldo. **Turismo**: Atividade marcante do século XX. Caxias do Sul: Educs, 1996.

CERQUEIRA, Hugo E. A. da Gama. Adam Smith e seu contexto: o iluminismo escocês. **Economia e Sociedade**, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 1-28, jan. 2016. ISSN 1982-3533. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8642918>>. Acesso em: 16 maio 2018.

CERVO, Amado L; A BERVIAN, Pedro; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 162 p.

D'AMORE, Louis. Peace through Tourism: An Historical and Future Perspective. In: WOHLMUTHER, Cordula; WINTERSTEINER, Werner. **International Handbook on Tourism and Peace**. Klagenfurt: Drava, 2013. p. 1-379. Disponível em: <<https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9783854357131>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

DOYLE, Michael W. Kant, Liberal Legacies and Foreign Affairs. **Philosophy And Public Affairs**. Princeton University Press, p. 205-235. jun. 1983.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade**: História, teoria e pesquisa. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.

FERNANDES, Antônio J. **Relações internacionais contemporâneas**: Do mundo da Europa à Europa do mundo. Itajaí: Univali, 1998.

HALLIDAY, Fred. **Repensando as relações internacionais**. Porto Alegre: Ed da Ufrgs, 1999.

ISAAC, Rami. Responsible Tourism and Development in the Context of Peace-building. In: WOHLMUTHER, Cordula; WINTERSTEINER, Werner. **International Handbook on Tourism and Peace**. Klagenfurt: Drava, 2013. p. 1-379. Disponível em: <<https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9783854357131>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

KANT, Immanuel. **Para a Paz Perpétua**. 5. ed. Galiza: Instituto Galego de Estudos de Segurança Internacional e da Paz, 2006. 5 v.

KEOHANE, Robert Owen; NYE, Joseph S. **Power and Interdependence**. 3. ed. United States: Longman, 2001.

KHAYUTINA, Maria. **Host-guest opposition as a model of geo-political relations in pre-imperial China**. 2004. Disponível em: <<http://sinits.com/research/Host-Guest-BA.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2017.

LERU. **Interdisciplinarity and the 21st century research-intensive university**. Leru Universities: Leru, 2016. Disponível em: <[http://www.leru.org/files/publications/Interdisciplinarity\\_and\\_the\\_21st\\_century\\_research-intensive\\_university.pdf](http://www.leru.org/files/publications/Interdisciplinarity_and_the_21st_century_research-intensive_university.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2017.

LESSA, Antônio Carlos. **História das Relações Internacionais: A Pax Britannica e o mundo do século XIX**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 167 p.

LIMA, Maria Regina Soares de. Instituições Democráticas e Política Exterior. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p.265-303, dez. 2000.

MACIEL, Tadeu Morato. **As teorias das relações internacionais pensando a cooperação**. 2009. 14 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Faculdade Santa Marcelina, São Paulo, 2009.

MACLEOD, Donald V L. **Alternative Tourism: A comparative analysis of meaning and impact**. Oxford: Butterworth-heinemann, 2005.

NAISBITT, John. **Paradoxo Global**. Trad. de Ivo Korytvski. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: Correntes e Debates**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

NOUR, Soraya. Os cosmopolitas. **Kant e os temas kantianos em relações internacionais**. Contexto Internacional, 2003, pp.7-46. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00529782/document>>. Acesso em: 12 maio 2018.

OLIVEIRA, Marcelo Fernandes de; GERALDELLO, Camilla Silva. A construção da Paz Perpétua como Teoria Liberal da Política Internacional. **Brazilian Journal Of International Relations**. Marília, p. 696-719. dez. 2016. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjir/article/view/6697> >. Acesso em: 29 maio 2018.

OLIVEIRA, Odete Maria de. **Relações Internacionais: breves apontamentos e contextualizações**. Relações Internacionais e Globalização: Grandes Desafios. 2. ed. Ijuí: Ed. Da Unijuí, 1999.

OLIVEIRA, Odete M. **Relações Internacionais: Estudos de Introdução**. Curitiba: Juruá, 2004.

ONU. Resolução nº 2/70, de 18 de novembro de 2015. **International Year Of Sustainable Tourism For Development**. Nova Iorque, Disponível em: <<http://undocs.org/A/C.2/70/L.5/Rev.1>>. Acesso em: 27 out. 2017.

PÁDUA, Marcus Alexandre de et al. A dimensão ontológica: um caminho possível para a concretização da interdisciplinaridade. **Educação e Pesquisa**, [s.l.], p.1-19, 5 out. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-4634201709166665>. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022017005011104&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022017005011104&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 06 out. 2017.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Introdução às Relações Internacionais: Temas, atores e visões**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

RECONCILIATION AUSTRALIA. **2016 RAP IMPACT MEASUREMENT REPORT**. Kingston: Reconciliation Australia, 2016. Disponível em: <[https://www.reconciliation.org.au/wp-content/uploads/2017/04/2016\\_RAP\\_Impact\\_Measurement\\_Report.pdf](https://www.reconciliation.org.au/wp-content/uploads/2017/04/2016_RAP_Impact_Measurement_Report.pdf)>. Acesso em: 09 nov. 2017.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

REPKO, Allen F. **Interdisciplinary research: Process and theory**. Thousand Oaks: Sage, 2008.

RIO DE JANEIRO. Alexandre Macieir. Riotur. **Jogos devem gerar R\$ 2,68 bi para o turismo do Rio**. 2016. Disponível em: <<https://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/07/jogos-devem-gerar-r-2-68-bi-para-o-turismo-do-rio>>. Acesso em: 25 out. 2017.

SACCONI, Luiz Antonio. **Grande Dicionário Sacconi: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico**. São Paulo: Nova Geração, 2010.

SALDANHA, Eduardo. **Teoria das Relações Internacionais**. Curitiba: Juruá, 2006.

SALOMÓN, Mónica; PINHEIRO, Letícia. Análise de Política Externa e Política Externa Brasileira: trajetória, desafios e possibilidades de um campo de estudos. **Revista Brasileira da Política Internacional**, Brasília, v. 56, p.40-59, fev. 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/358/35827889003/>>. Acesso em: 20 maio 2018.

SEITENFUS, Ricardo. **Relações Internacionais**. Barueri, SP: Manole, 2004.

SILVA, Karine de Souza. Organizações Internacionais de Integração Regional: abordagens teórico-conceituais. In: SILVA, Karine de Souza; COSTA, Rogério Santos da. **Organizações Internacionais de Integração Regional: União Europeia, Mercosul e UNASUL**. Florianópolis: Ufsc: Fundação Boiteux, 2013. p. 7-306.

SOARES, Luís Augusto Severo. Turismo e globalização: algumas perspectivas. **Gerenciais**, São Paulo, v. 6, n. 1, p.63-70, jan. 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3312/331227109007/>>. Acesso em: 18 out. 2017.

STERLING-FOLKER, Jennifer. **Making sense of international relations theory**. United States Of America: Lynne Rienner Publishers, 2006.

RIFAI, Taleb. Foreword. In: WOHLMUTHER, Cordula; WINTERSTEINER, Werner. **International Handbook on Tourism and Peace**. Klagenfurt: Drava, 2013. p. 1-379. Disponível em: <<https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9783854357131>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

VENTURA, Deisy de Freitas Lima; LINS, Maria Antonieta del Tedesco. Educação superior e complexidade: integração entre disciplinas no campo das relações internacionais. **Cadernos de Pesquisa**, [s.l.], v. 44, n. 151, p.104-131, mar. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/198053142780>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v44n151/06.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2017.

UNWTO. **Tourism Barometer**. 2012. Disponível em: <<http://unwto.org/barometer>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

UNWTO. **Who we are**. Disponível em: <<http://www2.unwto.org/content/who-we-are-0>>. Acesso em: 26 out. 2017.

WEBSTER, Craig; IVANOV, Stanislav H. Tourism as a Force for Political Stability. In: WOHLMUTHER, Cordula; WINTERSTEINER, Werner. **International Handbook on Tourism and Peace**. Klagenfurt: Drava, 2013. p. 1-379. Disponível em: <<https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9783854357131>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

WENDZEL, Robert L. **Relações Internacionais: O Enfoque do formulador de políticas**. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

WOHLMUTHER, Cordula; WINTERSTEINER, Werner. Peace Sensitive Tourism: How Tourism Can Contribute to Peace. In: WOHLMUTHER, Cordula; WINTERSTEINER, Werner. **International Handbook on Tourism and Peace**. Klagenfurt: Drava, 2013. p. 1-379. Disponível em: <<https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9783854357131>>. Acesso em: 28 mar. 2017.